

# RETÔRNO A CRISTO



de

Severin e Stephen Lamping  
1956

Salvador — Mensafé — Bahia

<http://www.obrascaticas.com/>

---

---

---

Este livro é bem o que V. estava esperando, há muito. Contando a história fiel de algumas das grandes conversões à Igreja Católica, apresenta autobiografias de personagens por demais célebres no campo das ciências e das artes. Nas páginas deste livrinho falam homens de continentes diversos, homens de classes sociais, igualmente várias, e contam o que eram antes de sua conversão, o que fizeram para sua conversão e o que se sentiram depois de sua conversão à Igreja Católica. Ora é um Chesterton com suas letras; ora é um francês Claudel; ora é um Schmidt ou uma Undset. Falam os norte

---

---

---

EU 24334999

# RETÔRNO A CRISTO

Trad. pelo Dr. Frel Mansueto Kohnen, O.F.M.

---

1955

**MENSAGEIRO DA FÉ**

**NIHIL OBSTAT :**

Salvador, aos 13 de Dezembro de 1955.

Frei Osvaldo Linn, O. F. M.

Censor Diocesano

**REIMPRIMATUR :**

Salvador, aos 13 de Dezembro de 1955.

D. Antônio, V. G.

SEVERIN E STEPHEN LAMPING

## RETORNO A CRISTO

2.ª edição

Este volume apresenta verdades. Verdades de meridiana nitidez, só deturpáveis por ignorância ou falta de boa vontade.

Falarão 16 personalidades, de 12 nações diferentes, sobre o retorno a Cristo e à Igreja de Cristo. Algumas são conhecidíssimas em nosso meio. Outras, menos conhecidas, não deixam de ter sua grandiosa missão dentro da universalidade católica de Cristo.

As seguintes notas autobiográficas sublinham fortemente o caráter sobrenacional, sobretemporal e perene da Igreja e do seu fundador.

As profissões e condições de ambiente e vida dos que voltaram à “coluna e alicerce da verdade” são as mais destoantes possíveis. Apresentam-se homens de letras como o inglês Chesterton, os franceses Claudel e Jammes, o alemão Schmidt, O. F. M., a norueguesa Undset e a dinamarquesa Rosenoern-Lehn. Falam os norte americanos desde o bispo Hunt até os atletas Metcalfe o Rockne. E ecoam de longe as vozes do diplomata norueguês Berum, do militar chinês Chang P’ei Fu, do

pastor escocês Farlane-Barrow e do agnóstico Animananda da Índia. Desvendam sua metamorfose religiosa o comunista Matorras da Espanha, o jornalista Mndaweni da África e o ministro anglicano Narayan de Ceilão.

São apenas alguns dentre os muitos que retornaram a Cristo. As páginas a seguir foram escolhidas e traduzidas da quarta edição de : *“Through Hundred Gates, by noted converts from twenty-two lands”*. Translated and arranged by Severin & Stephen Lamping, O. F. M. (The Bruce Publishing Company, Milwauky, 1942).

Mesquita Pimentel condensou sua impressão sobre estas páginas autobiográficas nas palavras seguintes.

1. Cada conversão é uma aventura pessoal, inédita, diferente de qualquer outra... Daí a variedade das conversões narradas, desde a do foot-baller Knute Rockne... até à do escritor franciscano dr. Expedit Schmidt.

2. É preciso lutar para conquistar ou conservar a fé. O velho axioma de santo Agostinho encerra a verdade a este respeito : — “Deus, que te criou sem ti, não te salvará sem ti”.

3. O segredo íntimo de toda conversão é indevassável. Ele se esconde nos planos sublimes da predestinação, nessas obscuras esferas em que só a sabedoria divina penetra...

4. A Igreja católica é, deveras, o grêmio universal das almas. (v. Vozes, set. 1941).

Na Inglaterra, retornam a Cristo anualmente 11-12.000 almas. Desde a morte do célebre convertido anglicano e posteriormente cardeal John Henry Newman († 1890) voltaram à Igreja católica aproximadamente 900 ministros protestantes. Referem-se estes algarismos só à Inglaterra, conforme documentações do convertido pastor inglês Burges-Baky. Gilbert Keith Chesterton opina que a volta ao catolicismo é apenas uma questão de “pensar bem”.

Na Alemanha, ano por ano retornam à Igreja 10-11.000. Dentre eles destacam-se o filósofo Teodoro Haecker, o padre Fahsel, o dominicano Momme Nissen, o franciscano Expedit Schmidt, o antigo professor universitário Erik Peterson, o escritor Thieme, o poeta Hasenkamp, a poetisa Gertrud von le Fort e a artista Schaumann.

Nos Estados Unidos da América do Norte há, mais ou menos, 40.000, senão até 50.000 homens e mulheres que, anualmente, voltam a Cristo. Conforme “The Lamp” (1934, pág. 363) figuram entre 3.000 convertidos da elite ianque, num lapso mínimo de tempo, 372 ministros protestantes dos quais 135 se ordenaram sacerdotes católicos. A mesma relação cita os nomes de 115 médicos, 126 advogados, 45 membros ativos ou aposentados do Con-

gresso, 12 governadores e ex-governadores, 180 oficiais do exército e da marinha, 206 escritores, músicos e personagens cultas.

A Igreja católica é o grêmio universal das almas. A prova está no fato de retornarem ao seu seio homens ilustres, de fama mundial. Citamos de passagem os nomes do almirante norte americano Shephard Benson; do islandês Jón Svensson, conhecido autor dos livros "Nonni"; da romancista norueguesa Sigrid Undset, que conquistou o prêmio Nobel em 1928; do conde russo Alexandre Wolkonsky; do filósofo e poeta russo Vladimir Soloviev. Poucos ignoram a volta a Cristo de Paul Claudel ou de Giovanni Papini. E registamos finalmente os nomes do arcebispo Mar Ivanios que veio do cisma à união na fé; do ex-presidente chinês Lou que hoje, na Ordem beneditina, assina Pe. Celestino, e de Farlane-Barrow, ex-reitor numa igreja episcopal na Escócia que passou das falanges reformatórias à Igreja militante.

Estes homens todos que retornaram a Cristo desmentem a fraseologia oca e moderna do "dogma racial" e do "cristianismo nacional", assim como a afirmação gratuita e jamais provada da "igualdade e do equivalor de todas as religiões". Certamente, esta fraseologia é u'a maneira muito cômoda, mas nunca a mais sincera da busca de Deus. A religião católica não é qualquer uma dentre

as numerosas confissões existentes pelo mundo a fora, nem Cristo é qualquer fundador de religião. Esses que retornaram a Cristo e à sua Igreja encontram nela a terra firme, perderam todos os sentimentos de insegurança e acharam a casa paterna de amor e misericórdia.

Voltaire não se cansava de prorromper no seu “Ecrasez l’infâme!” Chesterton, o anti-Voltaire do século XX, se diverte à custa do homem moderno, desconhecedor da essência profunda e belíssima da Igreja. Sorri diante do atavismo dos pretensos modernos que, com sua ignorância crassa, estão abaixo do nível dos brancos, crentes do divino e suas manifestações. Estigmatiza os pretensos cultos e intelectuais da modernidade que, num atraso mal explicável, vivem na periferia e não se nutrem do âmago daquelas verdades que emanam segurança, paz e felicidade. E nós sentimos com Chesterton a imbecilidade dos pigmeus modernos, incapazes, ou por negligência ou por má vontade, de reconhecer a universalidade total da *Una Sancta* !

Mas observamos, por outro lado, que uma saudade insaciável e imensa de Cristo e da Igreja percorre o mundo, saudade que se evidencia cada vez mais. Joergensen, protestante dinamarquês, disse certa ocasião em Colônia: — “Venho da terra das planícies e dos lagos.

Com saudades olhamos para a montanha azul da Igreja”. E Strindberg diz à sua filha Grete: — “Não sou digno de pertencer a ela !” isto é, à Igreja.

Ela, porém, tem o signo da universalidade. Desconhece o que seja desunião. Forma a união e a harmonia dos povos. “Pois, graças à fé em Jesus Cristo, todos vós sois filhos de Deus. Sim, todos os que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Já não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher — todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gál. 3, 26).

De fato, há uma saudade da Igreja, de Cristo. Documentam-na os inúmeros livros e relatos dos que retornaram a Ele. Desde a “Apologia pro vita sua” do convertido cardeal Newman até às publicações mais recentes, como p. ex. “My Long Way Home” do financista ianque John Moody, existem publicações, na maioria dos países, de convertidos ou sobre convertidos. Entre essas destacamos as revistas seguintes: “The Commonweal”, de Nova Iorque; “The Lamp” de Peekskill (USA); “Katolicki List”, do arcebispo de Agram (Iugoslávia); “Het Schild” e “Apologetisch Leven”, editadas na Holanda; “Ihre Wege nach Rom”, livro de C. Adrian-Werburg; “Die Friedensstadt”, de Paderborn; “El Debate” e “El Siglo Futuro”, de Madrid; “Les Témoins du Renouveau Catholique” e

“Le Témoignag de Apostats”, de Paris ; “Observatore Romano”, órgão semi-oficial do Vaticano ; “The Universe”, de Londres, e “Nordisk Ugeblad”, de Copenhague. Convém mencionar ainda a compilação de breves auto narrações de judeus que retornaram a Cristo, publicadas nos Estados Unidos, em 1924, com o título : “Why Jews become Catholics”. Um livro semelhante escreveu M. Leahy : “Conversions to the Catholic Church” (Oates & Washbourne, Londres, 1933).

Ninguém sente mais a tragédia da separação religiosa no Ocidente do que o católico. Harnack, um dos mais afamados teólogos protestantes de sua época, exprimiu esta verdade quando escreveu : — “Creio poder afirmar : o católico sincero sente mais vivamente a bênção de uma grande comunidade cristã, mais dolorosamente a separação da cristandade, mais conscienciosamente do que nós protestantes a missão entregue a todos os crentes” (“Reden u. Aufsätze”, sen, 1906).

Traduzimos as seguintes notas autobiográficas para evocar a saudade da Igreja, da Santa Madre Igreja. Pois, em verdade, ela é, antes de tudo, mãe carinhosa de todos os povos e de todas as nações.

Outro voto ardente acompanha estas linhas : que aumente o número daqueles, principalmente entre as almas jovens, que admirem e venerem o santo Gral da Igreja cató-

lica, o amor e a compreensão pelos irmãos e irmãs separados na fé.

Enumeravam-se, na antiguidade, sete monumentos e obras darte, designados como maravilhas do mundo. Reuniram todas. Quem quiser ver hoje um milagre universal, que provocou a admiração dos séculos por sua grandeza e dilatação, sua beleza interna e sua indestrutibilidade, dirija o olhar ao rochedo no mar, encimado por um castelo sobre o qual paira o Espírito imperecível. As vagas do mar revolto, espumantes, arrebentam de encontro ao castelo. E fitando bem o olhar, vemos nesta imagem a imagem da Igreja. Ela é a terra firme, a base indestrutível, a fortaleza inexpugnável. Ela é a garantia e segurança, a firmeza e a paz em nossa vida moderna no meio da insegurança, incerteza e inimizade atuais.

Há um único milagre mundial no mundo:  
*a Igreja una, santa, católica e apostólica!*

Sua fé é nossa fé.

Sua vitória é nossa vitória!

*Pe. Dr. Frei Mansueto Kohnen, O. F. M.*

**Paul Claudel**  
(França)

O embaixador Paul Claudel figura entre os maiores poetas católicos da atualidade. Sua obra mais conhecida é "L'Annonce faite à Marie". Dentre os seus dramas destacam-se: "Tête d'or", "L'échange", "Le repos du septième jour". Não é menos notável como lírico. — Claudel acha-se na carreira diplomática desde 1893. Em 1920 foi embaixador em Copenhague, mais tarde em Tóquio, Washington e Bruxelas.

## SUBJUGADO POR DEUS

Nasci a 6 de agosto de 1868. Realizou-se minha conversão a 25 de dezembro de 1886. Contava, por conseguinte, 18 anos. Mas, apesar da minha juventude, já progredira muito a formação do meu caráter.

Embora descendesse, em ambas as linhas, de ancestrais tementes a Deus, e que deram à Igreja diversos padres, minha família era, quanto à religião, de uma indiferença total. É depois de nos mudarmos para Paris, ela se alheou completamente da fé. Recebera minha primeira comunhão com fervor. Ela vinha a ser, como para a maioria dos rapazes, simultaneamente a coroação e o fim da prática religiosa.

Primeiro, fui educado, ou melhor, instruído por um professor particular. Em seguida, frequentei as escolas leigas da província e, finalmente, o liceu Louis-le-Grand. Com a minha entrada para este instituto, já perdera minha fé que se me afigurava incompatível com a multidão de mundos. A leitura de "Vida de Jesus", de Renan, forneceu-me novos pretextos para esta mudança de convicções, mudança aliás facilitada por tudo quanto via e ouvia em meu redor.

Recordemos os tempos deploráveis dos anos de 1880, caracterizados pelo amplo desenvolvimento da literatura naturalista. Nunca pareceu mais pesado o jugo da matéria. Quem quer que fosse proeminente na arte, ciência e literatura professava-se irreligioso. Todas as chamadas grandezas do século prestes a findar distinguiam-se pelo seu anti-clericalismo. Dominava Renan. Presidiu ele à última distribuição de prêmios no liceu Louis-le-Grand a que assisti, e parece-me haver recebido meu prêmio de suas mãos. Vítor Hugo acabava de desaparecer cercado de sua auréola.

Com 18 anos, eu acreditava no que a chamada classe culta daquele tempo acreditava. Obliterara-se em mim o conceito nítido do que é individual e do que é concreto. Aceitei, em toda a linha, a hipótese monista e mecânica. Eu cria que tudo é governado por uma ordem natural, e que este mundo não é senão um conglomeração muito denso de causas e efeitos cuja complexidade seria, em breve, desvendada pela ciência.

Entretanto, tudo isso se me afigurava muito triste e extremamente enfadonho. Nunca pude digerir o imperativo categórico de Kant que nos apresentou Mr. Burdeau, nosso professor de filosofia.

De resto, vivia sem código moral e, paulatinamente, me abandonava a um estado de desespero sombrio. A morte de meu avô in-

cutiu-me um horror tremendo. Presenciei seu gradativo desenlace que levou meses, causado por um câncer estomacal. Não me largava mais a idéia da morte. Esquecera inteiramente minha religião. Tornara-me, neste assunto, tão ignorante como um selvagem.

Atingiu-me o primeiro luzir da verdade através das obras de um grande poeta, a quem serei eternamente agradecido, e que exerceu influência preponderante sobre a formação do meu pensamento : Arthur Rimbaud. A leitura de suas "Illuminations" e, alguns meses mais tarde, de "Une saison en Enfer" (Uma temporada no Inferno) veio a ser um dos principais acontecimentos da minha vida. Rasgaram esses livros o primeiro clarão no meu cárcere materialista e me transmitiram uma impressão viva, por assim dizer física do sobrenatural. Entretanto, permanecia inalterado meu estado habitual de asfixia e desespero.

Tais as condições do jovem infeliz que, a 25 de dezembro de 1886, foi à catedral de Notre-Dame de Paris para assistir à missa de Natal. Iniciara justamente minha atividade literária e esperava, no meu diletantismo superior, encontrar inspiração nas cerimônias católicas e matéria para alguns trabalhos. Nesse estado de espírito é que assisti à missa, empurrado e acotovelado pela multidão. Nada de melhor tendo a fazer, voltei pela tarde para assistir às vésperas. Os garotos cantores da catedral, envergando sobrepelizes brancas, e

Essa resistência durou quatro anos. Ouso afirmar que foi uma defesa deveras brava. E a luta foi tão radical quanto leal. Nada omiti. Lancei mão de todos os meios de resistência possíveis. Porém, uma após outra tive que largar as armas por não me adiantarem. Isso se tornou a grande crise da minha vida, essa agonia mental que Arthur Rimbaud caracterizou com as palavras: — “A batalha espiritual é tão violenta como a batalha entre homens. Ó dura noite!! O sangue a escorrer fumega sobre a minha face!”

Os jovens que tão facilmente abandonam sua fé não sabem que torturas se requerem para rehavê-la. O pensamento do inferno assim como o pensamento da beleza e de todas as alegrias que julgava ter de sacrificar no altar do meu retorno à verdade levaram-me a adiar a decisão.

Finalmente, abri uma bíblia. Era uma edição protestante, presente de uma amiga alemã à minha irmã Camila. Ocorreu isso à noite daquele dia memorável passado em Notre-Dame, depois de tornar à casa sob um chuvisco persistente e ter atravessado as ruas que, de repente, me pareciam singularmente estranhas.

Ouví, então, pela primeira vez, a voz da sagrada Escritura, tão suave e inflexível a um tempo, voz que nunca mais deixaria de ecoar em meu coração. Até aí conhecia eu a histó-

ria de Cristo só através de Renan. Crendo ir-restritamente nas palavras do impostor, eu nem sequer sabia que Jesus se declarava Filho de Deus. Cada palavra, cada linha refutavam com majestosa simplicidade as imprudentes asserções desse renegado, abrindo-me os olhos.

Prevaleceu a verdade. Confessei juntamente com o centurião romano : — Sim, Jesus é o Filho de Deus. Dirigia-se Ele, dentre todos, a mim, Paulo, e me certificava do Seu amor. Mas, ao mesmo tempo, caso não O seguisse, não me deixava outra alternativa senão a condenação. Ah, não carecia de instruções sobre o que é o inferno : eu passara nele a minha “temporada”. Haviam sido suficientes essas poucas horas para me mostrar que se encontra o inferno onde quer que Jesus Cristo não esteja. Que me importava ainda o resto do mundo em comparação com este Ser novo e prodigioso que se me acabava de revelar?

Falava assim, dentro de mim, o novo homem. Mas o velho ainda relutava com toda a força de sua natureza rebelde, e não queria entregar-se a esta nova vida que se lhe des-cerrava. Confesso abertamente que o sentimento que mais me impedia de manifestar convicção, era o respeito humano ! O simples pensamento de proclamar a conversão, de dizer a meus pais que, doravante, não mais comeria carne às sextas-feiras, de me reconhecer um desses católicos tão ridicularizados, — fazia-me suar frio. Demais, indignava-me a vio-

lência que me era feita. Mas não havia como escapar da firme mão de Deus que me prendia.

Não conhecia um único padre. Não tinha um só amigo católico.

O estudo da religião tornou-se-me um interesse dominante. Fenômeno estranho ! Coincidiram perfeitamente o despertar de minha alma e o do meu talento poético, e isso refutou meus preconceitos e apreensões infantís. Escrevi, nesta época, a primeira versão dos meus dramas “A Cabeça de Ouro” e “A Cidade”.

Embora afastado dos sacramentos, já participava da vida da Igreja. Finalmente, comecei a respirar, e a vida entrou em mim por todos os poros. Os livros que mais me auxiliaram naquele período foram os “Pensamentos” de Pascal, obra inestimável para aqueles que procuram a fé, ainda que possa ter sido, amiúde, destrutiva a sua influência. Em seguida, “As elevações espirituais sobre os mistérios” e “As meditações sobre os Evangelhos” de Bossuet, assim como os seus demais tratados filosóficos : a “Divina Comédia” de Dante e, finalmente, as maravilhosas revelações de Katharina Emmerich. A filosofia de Aristóteles purificou-me o espírito e me introduziu nos domínios puramente intelectuais da verdadeira razão. A “Imitação de Cristo” parecia-me pertencer a uma esfera demasiadamente elevada e seus primeiros dois livros se me afiguravam de uma austeridade terrível.

Mas o grande livro que se me abria e em que estudava, era a Igreja. Seja eternamente louvada esta grande e majestosa Mãe em cujo regaço aprendi tudo !

Passava meus domingos em Notre-Dame e frequentava-a, quanto possível, no decorrer da semana. Era tão ignorante da doutrina da Igreja como se é, em geral, do budismo.

Eis que agora se desenrolava, diante de mim, o drama sacro com toda a sua magnificência que ultrapassava a minha força imaginativa. Ah ! isso já não era a linguagem trivial dos devocionários. Era a poesia mais profunda e grandiosa, eram os gestos mais sublimes que já foram permitidos a criaturas humanas ! Não me podia saciar bastante no espetáculo da missa, e cada movimento do sacerdote gravava-se-me profundamente na alma e no coração. A recitação do ofício dos mortos, a liturgia do Natal, o drama da Semana Santa, o cântico celestial do "Exultet", ao lado do qual pareciam enfadonhos os versos mais inebriantes de Sófocles e Píndaro, — isso me enchia de gratidão, de alegria, contrição e edoração. Pouco a pouco e penosamente cheguei a compreender que também a arte e a poesia são coisas divinas, e que os gozos da carne, longe de lhes serem indispensáveis, lhes são, pelo contrário, prejudiciais. Invejava os felizes cristãos que eu via comungar ! Mal ousava misturar-me àqueles que vi-

nham todas as sextas-feiras da quaresma beijar reverentemente a Coroa de espinhos.

Entrementes, transcorriam anos, e minha situação se tornava insofrível. Rezava a Deus com lágrimas, mas não ousava desvendar a minha miséria. Dia a dia enfraqueciam minhas objeções, e recrudesciam os apelos de Deus. Com que precisão recordo esses instantes, e com que firmeza me prendia. Sua mão! Como tinha eu coragem de Lhe resistir ?

No terceiro ano, li as obras póstumas de Baudelaire. E vi que o poeta, por mim preferido a todos os demais escritores franceses, reencontrara, nos seus últimos anos de vida, a fé e que ele lutara com a mesma angústia e os mesmos remorsos meus.

Reuni toda a minha coragem, e certa noite entrei no confessionário de St. Médard, minha matriz. Os minutos que tive de esperar pelo padre foram os mais amargos da minha vida. Deparei-me com um velho que parecia muito pouco impressionado com o que tinha a dizer, embora me parecesse que a história de minha alma devesse provocar um profundo interesse. Para grande desapontamento meu, evocou-me as "recordações da minha primeira santa comunhão". Mandou, em termos absolutos, revelasse à minha família a conversão. Hoje, dou-lhe razão. Humilhado e aborrecido, saí do confessionário para só voltar no ano seguinte.

Estava definitivamente dominado, subjulgado e ao cabo de tudo. Foi então que, naquela mesma igreja de St. Médard, encontrei um padre jovem, compassivo e fraternal, o abbé Ménard que me reconciliou com a Igreja. Mais tarde, entrei em contacto, lá mesmo, com o santo e venerável padre Villeneuve. Tornou-se ele meu diretor espiritual e guia muito amado, cuja proteção, no céu, sinto constantemente. Recebi a minha segunda santa comunhão, como a primeira, no dia de Natal, a 25 de dezembro de 1890, na catedral de Notre-Dame de Paris.

**Francis Jammes**  
(França)

Parece datar de 1891 a sua estréia literária. Poeta de uma delicadeza extraordinária, imbuído do genuíno espírito de S. Francisco de Assis, manifesto em seu amor aos homens e à natureza, suas dezenas de obras em prosa e em verso tornaram-no um dos grandes poetas da França e, em especial, o maior cultor, no momento, da poesia simbolista. Converteu-se em 1905, e faleceu em 1938.

## GRAÇAS À AMIZADE DE UM POETA

“Sou eu que ensino ao homem a ciência, e dou aos pequeninos mais clara compreensão, do que os homens são capazes de ensinar...

“Eu sou o que levanta num instante o espírito humilde, de maneira que compreenda melhor as razões das verdades eternas, do que se houvera estudado dez anos nas escolas. Eu ensino sem ruído de palavras, sem confusão de opiniões, sem espalhafato, sem contenda de argumentos...” (Imitação de Cristo, livro III, cap. 43).

De todas as conversões, a minha é a mais obscura e insignificante. Não andei ao encontro do Senhor com as mãos cheias de flores da alegria, nem com doces cânticos nos lábios. Semelhava eu uma criança sombria que é acometida de vertigem, perde o equilíbrio e, subitamente, enxerga o galho que se lhe estende da praia e a ele se agarra, — o mesmo galho estendido pela Virgem àquela meninazinha que, no arroio da montanha de Bétharram, estava prestes a se afogar.

Dessedentara-me eu em muitas fontes, e provara, de muitos frutos. Discerni, então, os

limites destinados ao homem. Sobreveio-me uma tristeza gélida, pousou sobre mim uma espécie de morte, porquanto não entendia que não se pode praticar o mal e, simultaneamente, pedir a Deus o bem indizível de novas graças.

Revejo-me jogado sobre a cama, um dia, corpo e alma mergulhados na miséria, humilhado, abatido, neurastênico. Quando, ao termo de vinte minutos, me reergui da prostração, balucei com a voz embargada de lágrimas : — “Isto tem de existir, ou então nada existe !”

Que é que tinha de existir ? A Igreja católica, apostólica, romana. Paul Claudel, meu segundo anjo da guarda, apesar dos oceanos que se nos entrepunham, recomeçara a me instruir sobre ela.

Levantei-me naquele domingo para, assistindo à missa na catedral de Bordeaux, chorar amargamente.

Então, das profundezas do meu ser, uma alegria começou a subir à luz. Seria possível que um homem fosse arrebatado por tamanha felicidade ? Pela primeira vez experimentei, pagão que era, o movimento que Deus fazia nascer no abismo da minha existência. A Ti, Pai, conheci primeiro !

Era forçoso juntar a tudo isso a prática a fim de que a luz celestial da graça penetrasse a massa térrea que sou.

Atormentaram-me tão violentas dúvidas, nascidas da consciência, que julguei serem-me impossível a confissão e a comunhão. Um dia, porém, cheguei à conclusão : — “Deus não é capaz de impedir a um homem, que Dele sente saudades, de unir-se a Ele”. Pedi conselhos, e decidi caminhar por sobre espinhos e serpentes. Como peregrino carregado de dores pedi a Nosso Senhor Jesus Cristo creditasse por méritos minhas provações espirituais, cuja maturação tantos sacerdotes, sem saber, frustraram.

Vejo ainda o quarto singelo em que o padre Michel, a 7 de julho de 1905, ouviu-me em confissão e me deu a santa comunhão. Claudel estava presente. Seu rosto transfigurado se inclinava sobre os vasos sagrados. Recordo-me da minha melancolia, de uma pequena vinha com um pomar, de uma erva odorífera.

Sabeis vós, meu caro pai espiritual, e tu, irmão que naqueles dias grandes e quentes, antes de Corpus Christi, regressavas da China, sabeis que me tornei forte. Sabeis que, sem confusão, permaneci no meu trabalho quando tantos fracos gritavam sobre a minha diminuição. Sabeis que me abençoou o Redentor das bodas de Caná ; que armei minha tenda e ergui minha casa ; que, à sombra de nosso Deus, a povoei com quatro crianças, das quais a última se chama Paulo, teu afilhado, Claudel.

**Mac Farlane-Barrow**  
(Escócia)

Ex-reitor da igreja de Todos os Santos de Glasgow e ministro da igreja episcopal escocesa, converteu-se o autor das seguintes linhas em 1928. O próprio bispo escocês anunciou, do alto do púlpito, a conversão do pastor Mac Farlane-Barrow. Sua recepção no catolicismo realizou-se na igreja de Santo Aloísio, em Glasgow, com grande solenidade e enorme concurso da população.

## SAUDADE DO VERDADEIRO SACRIFÍCIO DOS ALTARES

Negar-me-ia a descrever minha mudança de credo se uma conversão fosse de interesse puramente pessoal. É verdade o contrário. A conversão é uma prova da bondade prodigiosa do Deus todo-poderoso. Por isso — e não por outros motivos! — ela deve ser considerada de interesse público. É também este o único motivo das seguintes linhas: que Deus seja glorificado e seu reino dilatado na terra.

Devo lembrar, para melhor compreender-se minha conversão, que tive a infância e educação influenciadas pelo movimento de Oxford, movimento que tende para a verdade católica e vem a ser um dos traços característicos da igreja anglicana do século XIX. O movimento de Oxford levou numerosos ministros e leigos anglicanos — o mais conhecido de todos é o cardeal Newman — ao seio da Igreja católica.

Exerci a atividade de cura d'almas, pelo espaço de quase 18 anos, numa vila do planalto escocês. Seguia, nas minhas prédicas, as normas da igreja episcopal que se considera na legítima sucessão apostólica do episcopado, sacerdócio e diaconato. Também eu acreditava nessa sucessão apostólica. Tinha fé inabalá-

vel na presença real de nosso Senhor na santa comunhão. Assim também ousava mesmo designar nossa comunhão com o termo “missa”. Com pouco resultado, admito, ensinei, aos fiéis, a prática da confissão. Surpreendem-se, geralmente, os católicos ao ouvirem que a igreja anglicana também pratica a confissão e a absolvição dos pecados pelo sacerdote.

É relativamente fácil para um anglicano, se ingressa no catolicismo, aceitar-lhe as doutrinas. Sirva de exemplo o “Book of Common Prayer” que corporifica a doutrina oficial anglicana. Lemos ali, com relação à visita aos enfermos, o seguinte : — “Agora o doente deve ser levado a confessar seus pecados, se tiver a consciência inquieta por coisas importantes. O sacerdote deve absolver, após a confissão, o doente, arrependido dos pecados, com estas palavras : — “Nosso Senhor Jesus Cristo, que concedeu à sua Igreja o poder de absolver todos os pecadores contritos e crentes, perdoe todos os teus pecados por Sua grande misericórdia. E eu, a quem foi conferido este poder, absolvo-te de todos os teus pecados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém”. De fato, na cerimônia da ordenação sacerdotal, o bispo confere expressamente o poder de perdoar pecados.

Relato estes pormenores para mostrar a facilidade da conversão de um anglicano ao catolicismo. Mas, por outro lado, podem tam-

bém ser enormes as dificuldades. Pois, a igreja anglicana atende à saudade do coração humano no sentido de possuir uma absolvição expressa e completa dos pecados. Logicamente, o anglicano crente perguntará : — “Achei o que meu coração deseja. Que mais me poderia oferecer Roma ?”

A missa é, sem dúvida, para o anglicano crente, o ponto central de sua piedade, se bem que ele evite o termo “missa”. À medida que decorriam meus anos de ministério, aumentava cada vez mais meu fervor durante o santo sacrifício. Foi através dele que a graça divina me levou à verdade.

Sofri, espiritualmente, durante os últimos meses de minha atividade pastoral, por causa dos discursos públicos do bispo anglicano Barnes de Birmingham (que defendia, publicamente, a limitação da natalidade). E comigo sofreram numerosos colegas. Repetia eu sempre a pergunta : — É possível permanecer na comunidade de um bispo que, apesar de seus discursos ímpios e blasfêmias públicas, não é privado de sua autoridade e deposto do seu ofício ? Certamente, as excentricidades do bispo Barnes não constituíam um caso inédito ; pois, desde a fundação da Igreja anglicana houve, em todas as épocas, alguns poucos dignatários eclesiásticos que disseram palavras ou praticaram ações capazes de deso-

riental os fiéis. Mas as veleidades do bispo de Birmingham me revolucionaram profundamente. Convenci-me da impossibilidade absoluta de continuar na igreja anglicana.

Comuniquei esta resolução ao meu superior hierárquico, o bispo de Argyll e das ilhas, um dos homens mais amáveis e simpáticos. Entregou-me ele alguns livros, acreditando afastar, destarte, minhas dúvidas e acalmar minhas inquietações. Entre eles figurava o célebre livro do bispo Gore : “Roman Catholic Claims” (Pretensões romano-católicas). Gore era da igreja episcopal e eu lera, com proveito, alguns estudos seus. Li também agora, pela primeira vez, a “Apologia” do cardeal Newman. Compreendi estar em situação semelhante à do grande cardeal antes de sua conversão.

O impedimento principal à minha conversão era a ignorância completa de tudo que dizia respeito à Igreja católica. Ainda menino, visitara uma vez um templo católico, em S. Gudule, na capital belga. Pouco tempo atrás, assistira a uma bênção numa igreja católica em Glasgow. De resto, desconhecia o interior dos templos católicos. Repugnava-me sobretudo a doutrina da infalibilidade papal. Não a compreendia. Também não me tentava o pensamento de uma possível conversão. Pelo contrário ! Toda a minha natureza se revoltava à idéia de, no caso da conversão, ter que depor meu ofício de ministro anglicano. De-

mais, nunca me poderia ordenar sacerdote católico, pois era casado e tinha família.

Finalmente, os preconceitos protestantes, herdados e transmitidos de gerações a gerações, paralisavam qualquer resolução. Todas as histórias ouvidas dos modos dolosos e espertos dos católicos tornaram-me extremamente receoso. Tinha pavor da conversão que se me afigurava um salto para dentro do nirvana. Qual espectro, dia e noite, estava-me diante dos olhos a palavra “Infiel!” Outros convertidos, provavelmente, fizeram experiências idênticas. Assediaram-me a respeito da Igreja católica imaginações tão grotescas que, reunidas, constituiriam matéria curiosíssima para um livro destinado ao sucesso. Acresce que o demônio, que se enfurece com toda conversão, procurou impedi-la mediante as piores torturas. A vitória sobre tais provações religiosas devo-as unicamente a Deus.

De todas as insinuações demoníacas causava-me tortura maior o pensamento seguinte: — “Acreditaste, até agora, na presença real de Cristo no sacramento, e nele o adoraste. Tudo isso foi engano e erro? Quem te dará a certeza de, se renunciarestes a essa fé, poderes acreditar na presença real de Cristo naquela Igreja a que, então, pertencerás?” O pensamento de perder tudo quanto amava e estimava foi de todos o mais terrível. Sofreria também o isolamento dos parentes que, uma

vez convertido, talvez se alheassem e desinteressassem da minha sorte.

Acabei vencendo todas as dificuldades. Tornei-me católico.

Não posso terminar este relato sem anotar que, nos cinco anos transcorridos desde a minha volta à Igreja, se converteram quatro amigos meus. Ocorreram suas conversões em diferentes épocas e sem a mínima influência da minha parte. Um deles — pastor anglicano, como eu — tornou-se católico no ano passado. Fazendo-lhe, seis meses após a minha conversão, uma visita amigável, dissera-me o ex-colega, muito irritado : — “És um Judas Iscariotes !” — Agora, também ele tornou à Igreja.

Admiráveis são os efeitos da graça divina, e poderosa é a intercessão dos santos. Laus Deo ! Glória a Deus !

**Baronesa Erikke Rosenoern-Lehn**  
(Dinamarca)

A convertida traduziu, por ordem de seu bispo, a Sagrada Escritura do Novo e Antigo Testamento, para o idioma dinamarquês. A narração mais extensa de sua conversão encontramos em seu livro: "Min Vandrebog" (Meu livro de peregrinações).

## **POBREZA FRANCISCANA e AMOR AO PRÓXIMO**

Nasci e me criei numa família protestante, sendo das 6 irmãs a caçula. Minha mãe, muito piedosa, ensinava religião aos filhos e deitou profundamente em minha alma o germe da religiosidade. Filha de diplomata, mamãe viveu em sua infância em Francfort sobre o Meno, sofrendo, inconscientemente, profunda influência das crianças suas companheiras de folgedos, entre as quais figurava o conde Carlos Loewenstein, falecido, mais tarde, na Ordem Dominicana com o nome de Frei Raimundo. Mamãe manteve correspondência com ele até à morte. Gravaram-se-lhe, na memória, inesquecivelmente, as cerimônias do culto católico. Mas a vida separou-a completamente de todo catolicismo.

Minha mãe só começou a leitura de livros católicos, quando uma de suas filhas casadas e o marido dela se converteram ao catolicismo. O bispo de Genebra, posteriormente cardeal Mermillod, administrou-lhes o batismo.

Mamãe teve muito tempo para estudos na solidão rural do castelo Hvidkilde. O resultado de seus estudos foi ter reconhecido a Igreja católica como a igreja verdadeira de Jesus

Cristo. Papai não contrariava propriamente o desejo de ela se tornar católica, mas estabeleceu a condição de ela esperar até que eu, menina de 10 anos, fosse confirmada. Subtraíram-me à influência religiosa da mamãe e me confiaram, antes da minha confirmação, aos cuidados de um pregador protestante, homem de veras bom e realmente piedoso. Ele e todos os amigos que conheciam as simpatias católicas de mamãe, faziam tudo para me fortalecer na doutrina protestante. Não melhorou essa atmosfera quando, após a minha confirmação, na idade de 15 anos, mamãe e 2 irmãs minhas, mais velhas, se converteram ao catolicismo. Acreditando firmemente em todas as mentiras espalhadas contra essa Igreja, chorei a perda da mãe e das irmãs que, ao meu ver, se consagraram à idolatria e a todos os males possíveis. Assim sofremos ambas as partes, durante 10 anos. Nós nos amávamos, uns aos outros; mas, apesar de tudo, estávamos separadas espiritualmente. Por fim, não suportando já o ambiente, deixei a pátria na primavera de 1898, com 26 anos. Procurei a Inglaterra para iniciar os estudos de antiguidade clássica.

Comovia-me profundamente assistindo ao culto religioso da igreja anglicana. Impressionava-me também o fato de, na Inglaterra, ninguém temer os santos da Igreja Católica. Abalou-se, ao mesmo tempo, minha fé nos "santos" protestantes Martinho Lutero e

Adolfo da Suécia. Abria-me mais e mais ao pensamento de haver apenas uma Igreja, dedução que tirei de estudos históricos, principalmente dos livros do professor anglicano de Oxford, sr. Leighton Pullan, e da leitura das "Confessiones" de Santo Agostinho e das "Fioretti" de São Francisco de Assis. Cedia, pouco a pouco, minha oposição à Igreja Católica, mas continuava acreditando que existia uma Igreja com diversas ramificações. Declarava-me anglicana e achava possível pertencer a uma igreja nacional, cuja nação não era a minha.

Na qualidade de estudante da escola britânica de antiguidade passei o inverno de 1901-02 em Atenas. Participou dessa viagem à Grécia a fiel companheira de todas as minhas peregrinações, Sofia Holten, uma artista de grandes recursos. Partilhávamos nossa sorte de estudantes e também nossa evolução religiosa. Foi ela que me propôs mandar celebrar uma santa missa por minha mãe na Igreja católica. Mas quando o amável sacerdote que eu tinha interpelado, me falou da sua intenção de rezar pela conversão da Dinamarca, senti-me ofendida e pensei: "Que petulância a desses católicos!"

Visitando, porém, alguns meses mais tarde, o túmulo de S. Nicolau em Barri, entreguei ao sacerdote u'a moeda de ouro pedindo suas orações.

Nossa etapa seguinte levou-nos a Águila, onde fica o santuário de S. Barnardino de Sena. Considerava esse santo, na minha infância, um protestante de, pelo menos, 50%, porque venerava e anunciava o nome de Jesus. Com grande interesse vi, na municipalidade, sua bela máscara mortuária com expressão bondosa e sublime. Pelo fim daquele dia visitei seu túmulo. Sofia Holten acompanhou o franciscano, que nos mostrava a igreja, para ver e apreciar melhor algumas obras darte. Sozinha, ajoelhei junto do túmulo e pedi com grande unção que o bondoso Deus me fizesse santa como fez santo a "San Bernardino". Senti no mesmo instante e, à meia voz, o proferi : "Isso será um trabalho imenso !" Mas logo me envergonhei e, chorando, pedi perdão a Deus por minha preguiça.

Rezei a noite toda a fim de me preparar dignamente para a visita ao túmulo de São Francisco de Assis. A metamorfose de nossas almas que se realizou em Assis foi um milagre da graça de tal grandiosidade que a eternidade não bastará para agradecer ao bondoso Deus e a São Francisco.

De todos os fatos extraordinários, que me prendiam qual cadeia espiritual ou rede abençoada, devo mencionar ao menos um : a pobreza evangélica e o amor franciscano ao próximo !

Apressadamente tive que voltar para casa em princípios de setembro por ter adoecido meu pai. Quando cheguei, após ter partido de países católicos, às regiões protestantes da Alemanha, senti repentinamente a frieza e a desolação das igrejas espalhadas pela paisagem : nelas não havia sacramento ! De regresso à pátria, pude, como nunca, trocar idéias com mamãe contando-lhe tudo quanto sucedeu em Assis ; certamente, ela adivinhou minhas simpatias pela Igreja católica. Eu, no entanto, ainda não estava ciente disso. Os franciscanos rezaram durante a minha ausência no túmulo de São Francisco por mim. No dia da vigília da festa de São Francisco cheguei, novamente, à hora das solenes vésperas, a Assis. Foi uma volta ao lar no mais verídico sentido da palavra. Reconheci, na manhã seguinte, enquanto cantavam na igreja do sepulcro do seráfico santo a missa solene, toda a estupenda plenitude e a esplendorosa verdade da fé nas palavras do Credo: "*Et unam, sanctum, catholicam et apostolicam Ecclesiam*".

O Pe. Custódio, Frei Francisco dall'Ollio, analisara comigo, durante o verão passado, em longas conversações, assuntos da fé católica. Faltava-me, porém, o derradeiro impulso da graça. Eis que chegara a hora.

Era mais difícil para Sofia Holten tomar a resolução definitiva, sendo filha de um pastor protestante que, por sua vez, se filiava a

uma grande geração de pregadores. O converter-se ao catolicismo se lhe afigurava uma quase condenação de sua família. Mas todas as dúvidas acabaram vencidas por sua convicção religiosa.

Ambas fomos recebidas no seio da Igreja, junto ao túmulo de São Francisco de Assis, no dia 19 de novembro, festa de Santa Isabel, dia onomástico de minha mãe e aniversário de meu batismo.

Graças a Deus por Sua bondade, eternamente !

**Don Henrique Matorras**  
(Espanha)

O autor das seguintes linhas era secretário geral do comitê central da juventude comunista de Espanha. Tornou à Igreja em 1934. Publicou, então, na imprensa, uma renúncia ao comunismo e um apelo aos seus anteriores companheiros no sentido de seguirem seu exemplo.

## SECRETÁRIO GERAL DOS COMUNISTAS ESPANHÓIS

Filho da classe operária — meu pai era carteiro e minha mãe procedia da roça — desde criança fui forçado a trabalhar. Após abandonar o internato, com 11 anos, empreguei-me como vendedor de jornais e bilhetes de loteria no “Café Oriente”, em Atocha, rua Madrid.

Ao iniciar minha vida operária, possuía uma educação superior a de outros filhos de operários da mesma idade. Minha educação, que devo aos Irmãos de São João Batista de la Salle, proporcionara-me sólida formação elementar. Aliada a uma boa direção cristã, ela me teria sido um benefício enorme se a direção subsequente não me tivesse faltado. Tanto mais pernicioso se me tornou esta formação quanto mais me faltava a direção. Meu trabalho quotidiano era pesado. Das 8 horas da manhã até às 11 da noite eu ficava exposto a todas as intempéries e tinha que andar anunciando jornais e revistas.

Suscetível como era, isto me aborrecia profundamente. Comparava minha vida com a de outros moços que via passar a caminho

da faculdade de medicina. Minha razão se revoltava e me dizia que nisso não havia justiça. Este sentimento despertou-me o desejo de uma formação mais profunda, de maior saber, da possibilidade de um dia, como aqueles moços, engolfar-me no estudo.

Então, dediquei-me intensamente à leitura. Lia tudo : jornais, romances e quanto me caía nas mãos. Compreende-se que tal leitura, indiscriminada, me era prejudicial e, de fato, um de seus primeiros efeitos foi minha apostasia da fé que, assim imaginava eu, fazia de mim um escravo da injustiça social.

Passaram-se os anos sob constantes esforços de participar de qualquer espécie de conferências, de ler toda qualidade de livros e frèquentar quaisquer reuniões capazes de me proporcionar algo de novo. Resultou daí uma tremenda confusão de todas as minhas idéias.

Despontaram, por aquela época, na Espanha, aqueles tumultos políticos que precederam à queda do ditador Primo de Rivera, e esse movimento contribuiu para aumentar minha inquietação. Trabalhava, então em diversos ramos. Mas — para dizer a verdade — embora frequentasse uma escola para adquirir conhecimentos em assuntos comerciais e chegar a ser guarda livros, dedicava maior interesse à política que ao trabalho. Quando, finalmente, em dezembro de 1930, rebentou a revolução, decidi-me pelo ingresso nas fileiras

comunistas. Já no outono anterior entrara em contacto com um grupo de revolucionários que publicava um semanário, intitulado “Rebelión”. Defendia ele, ainda que não batalhasse abertamente pelo marxismo, tendências fortemente materialistas. Tornei-me colaborador assíduo e fornecia artigos especialmente contra a religião e a Igreja.

Efetou-se minha entrada oficial no partido comunista em dezembro de 1930. Depois de haver sido, por espaço de algum tempo, membro de uma “célula”, fui nomeado, pela direção suprema, membro do comitê madrileno da Juventude Comunista. Não preciso dizer que, desde então, minha leitura predileta passou a ser a das obras de Max, Engels, Lenin, Bucharin, Stalin, etc. Entreguei-me, com todas as minhas forças, à atividade organizadora. Proclamou-se, em abril de 1931, a república e, em breve, a organização juvenil comunista começou a publicar seu periódico: “Juventud Roja” (Juventude Vermelha). Nomearam-me co-redator e administrador. Além disso exercia atividade febril na frente do comitê madrileno.

Não me alargarei sobre todos os atos revolucionários que, então, fizeram avançar, com tamanha rapidez, o comunismo espanhol. Por ocasião de uma dessas formações de células — tentativa num quartel — fui preso e levado ante o tribunal militar. A prisão, que

aproveitei para descansar, estudar e refletir, só serviu para fortalecer minhas intenções revolucionárias. A prisão me era lar, escola, santuário e tudo. Fiquei nela seis meses. Quando solto, já aparecia o órgão central do partido: "Mundo Obrero" (Mundo Operário). Nomearam-me redator. Isso não durou muito, pois a 22 de janeiro de 1932 o governo suspendeu a folha por motivo de sua propaganda revolucionária, e ela deixou de circular.

Adoeceu, nessa ocasião, Etelvino Vega, secretário do comitê central da Juventude Comunista. Para escapar à prisão e também para recuperar a saúde, transferiu-se ele para um sanatório russo. Nomearam-me então secretário geral.

Posso dizer que, daí em diante, com a minha atividade à frente de toda a organização nacional da J. C. assumi também a responsabilidade de todo o movimento. Mas, à medida que se intensificava minha atividade, começaram também a me oprimir as desilusões. A vida particular dos funcionários, dos mensageiros da Internacional, dos círculos comunistas superiores me decepcionaram positivamente. Verificava com meus próprios olhos que pouco os interessava a libertação do proletariado e o direito do operariado. Defendiam seus próprios interesses. Não obstante, eu permanecia fiel à teoria, pois me dizia serem humanas as falhas e debilidades que via, ao

passo que a idéia, o marxismo em si continuava puro e incólume.

Para vencer minha desilusão, precipitava-me mais e mais na atividade organizadora. Este zelo me levou diversas vezes à prisão e me fez curtir toda espécie de peripécias, tanto a fome como as viagens por todos os caminhos de Espanha. Tudo suportava com fé e entusiasmo. Estava firmemente convencido da vitória do operariado pela revolução e não menos persuadido de que seriam sanados todos os males da sociedade. Trabalhava ininterruptamente, tanto que, naquele tempo, não havia publicação comunista na Espanha que não trouxesse qualquer artigo por mim assinado. Nas reuniões, meus discursos faziam erguer-se os vagalhões do ódio.

Todavia, minha alma jovem e impetuosa carecia de algo superior. Ansiava por defender algum objetivo nobre, lutar por um ideal elevado. Tudo quanto me rodeava, então, se me afigurava demasiadamente baixo. Iniciou-se, assim, em meu coração, uma crise moral que, amiúde, me levava a estados de completa melancolia. Tratei de buscar o sedativo onde julgava encontrá-lo : na mulher. Travei amizade com uma companheira comunista e tive a grande felicidade de ver fundirem-se as nossas almas. Tivemos, também, uma filhinha. Nem isso me contentava, porém. Meu coração enfermo ansiava por algo diferente, mais espiritual, mais sublime do que tudo isso.

Recaí em minha crise moral. E, com ela, num estado que me fazia parecer tudo indiferente. Pretextando cansaço, relaxei meu zelo pelo comunismo. Andei à cata de divertimentos e a eles me entreguei sem restrições. Mas o resultado permanecia sempre idêntico: tornava-se mais e mais vazio meu interior, mais e mais tenebrosa minha noite moral. Receei enlouquecer. Falhava tudo quanto amava na vida e tudo quanto me servira de estímulo.

Esperava que o materialismo histórico solucionasse a questão social. Agora, compreendia nitidamente a sua incapacidade neste sentido, porquanto encontrava uma sociedade dilacerada, repleta daquelas misérias e falhas que, precisamente, deviam ser eliminadas. Havia algumas camadas capitalistas que, visando exclusivamente as suas próprias vantagens, nem de longe se preocupavam com a questão social e só concediam aos operários algum favor por força das circunstâncias. O Estado tinha que servir incondicionalmente os interesses dessa classe egoísta.

O próprio amor à mulher e à filha, no qual me precipitaria como num lago represado, por mais sólido e genuíno que fosse, não preenchia inteiramente o vazio de minha alma. Embora fosse belo esse amor — permanecia não obstante o vácuo do meu coração.

Momentos houve em que me parecia não valer a pena viver num tempo tão imbecil, e

considerava de melhor alvitre pôr um ponto final a tudo e libertar-me de todas as torturas espirituais.

Então, um dia, enquanto abismado em pensamentos passeava num parque madrileno, encontrei um antigo conhecido não sei mais se do internato ou do ponto de jornais. Soube, no meio da conversa, que ele passara para o espiritismo e fui convidado a tomar parte n'alguma sessão. Devo confessar que o espiritismo sempre me parecera extremamente ridículo. Mas, para mero passatempo, prometi comparecer. Como era de esperar, não experimentei nada de surpreendente, mas apenas coisas grotescas de que zombei. Deram-me, porém, uma brochura de Allan Kardec, uma síntese de sua teoria que já me era conhecida. Nela se falava de "Deus", e essa palavra me despertou inúmeras recordações... A escola, a igreja, as filas de alunos quando a caminho da missa dominical, — a primeira comunhão... Com essas recordações se passaram as últimas horas da noite e elas fizeram com que, na manhã seguinte, me dirigisse a um antiquário a fim de procurar uma bíblia e reler algumas passagens. Lealmente falando, fazia-o mais por curiosidade do que por outro motivo qualquer. Nem de longe suspeitava de que isso formaria o primeiro impulso para a minha conversão.

Comprei a bíblia e comecei a ler. Deparei, em breve, por entre diversos tópicos do Evan-

gelho, com uma passagem sobre a justiça social. Lia-a com ansiedade e, à medida que prosseguia, descortinavam-se-me horizontes inteiramente novos. Continuei indagando e então vi claramente que a religião cristã talvez me desse a solução dos meus problemas.

Existia, entretanto, um grande obstáculo: eu estava ligado a uma companheira comunista, filha de um dos supremos diretores do partido de toda a Espanha! Amava-a sinceramente. Demais, tínhamos uma filhinha que devia alimentar e educar. Tudo isso provocava empecilhos insuperáveis à solução do meu grande problema.

Nisso, ocorreu-me a idéia de consultar um padre. Mas a quem? Duvidava de que me compreendessem. Receava que não se preocupassem comigo e retrucassem às minhas perguntas, com quaisquer lugares comuns em vez de com respostas concretas. Lembrei-me de que, na matriz de Santa Isabel e Teresa, onde recebera o batismo e a primeira comunhão, funcionava ainda o mesmo padre que me preparara para esta última. Dirigir-me-ia a ele.

Esta consulta veio a ser o princípio do fim. Demonstrou-me o vigário grande compreensão e prometeu orientar-me no meu passo. Encorajou-me. Ele mesmo está firmemente persuadido de que suas orações seriam atendidas pelo Altíssimo. Estabelecemos o seguinte: toda tarde, à hora marcada, compareceria na matriz

para me entreter com ele sobre questões religiosas. Pouco a pouco dissiparam-se minhas dúvidas acerca da revelação. Tal foi o efeito das nossas discussões que, já ao termo de poucos dias, despertou a fé em meu coração e me persuadi de que tudo poderia ser posto em ordem.

Esta transformação de minha alma, antes tão fria e estéril, mas agora cheia de calor e fertilidade, encheu-me de júbilo. Aconselhou-me o padre averiguar discretamente os sentimentos de minha companheira para lhe conhecer a atitude. Recomendou-me rezasse com todo o ardor, de que fosse capaz meu coração, a Jesus crucificado, suplicando-lhe a remoção de meus obstáculos. Foi o que fiz. Apenas o experimentara por alguns dias, consegui que minha companheira viesse comigo à igreja participar da instrução religiosa.

Tanto progrediu o nosso caso que, vencidos todos os empecilhos, nada se nos opunha ao casamento religioso. Mas, nem agora consentia na injustiça social. Andava à procura de uma solução, que estivesse de acordo com a religião e defendesse o direito dos oprimidos contra a exploração pelos poderosos. Confiei estas dúvidas ao padre e recebi, também neste caso, a solução satisfatória. Vim encontrar, na doutrina social católica, a fonte em que podia matar minha sede e a ânsia pela libertação dos oprimidos. Percebi claramente que nela es-

tava contida a condenação mais enérgica e terrível dos exploradores do operário.

Tudo prosseguiu satisfatoriamente. Também minha companheira se converteu e consentiu no matrimônio. Casámos a 11 de maio de 1934 e batizámos, no mesmo dia, nossa filha de 13 meses de idade.

Estava liquidada a parte espiritual. Tratava-se agora de corresponder à ânsia de trabalhar ativamente pelo meu objetivo. Incorporei-me ao sindicalismo católico e, a 16 do mesmo mês de maio, publiquei na imprensa uma declaração em que abjurava meus erros antigos e incitava os companheiros anteriores a seguirem meu exemplo. Anunciei simultaneamente meu ingresso nas falanges dos batalhadores ativos pelo movimento dos operários católicos. Desde então, quanto maior o espaço de tempo decorrido, maior é meu entusiasmo e a convicção de que nisto está o único caminho para a humanidade e para a classe operária.

Quando hoje recordo meu passado revolucionário, as massas de operários separadas da fonte da vida, e quando agora vejo inundadas de sangue as ruas da minha pátria por causa das mesmas idéias outrora por mim defendidas, — uma grande compaixão enche-me a alma, porquanto a maioria desses operários, que o ódio marxista impele para o assassinio e a morte, é vítima de uma sedução. No âmago

do seu interior, esses operários são bons. De resto, em boa parte se justificam, pela justiça social, as suas reclamações. É o que convém não esquecer. Sua existência miserável, cuja responsabilidade cabe às camadas superiores, leva-os ao desespero do qual são eles, novamente, as primeiras vítimas. .

Em face desta situação infame, desta tremenda tragédia social, impõe-se a pergunta : — “Não pesa, talvez, a maior responsabilidade sobre as camadas sociais dominantes, porque não cumprem seu dever e lançam mão da propriedade como instrumento absoluto com que dão os golpes para a opressão dos fracos? !”

Eis a verdade. E esta verdade devemos, nós católicos, encarar-la corajosamente. Não podemos, covardemente, evitar-lhe o contacto. Reconhecendo a situação, temos que lutar para vencer a vida. Na felicidade de conhecer todo o alcance da mensagem de Cristo devemos, sem levar em conta os obstáculos, preconceitos e, se necessário, perseguições, erguer a nossa voz, condenar intrepidamente a injustiça e exigir respeito perante *a dignidade do operário !*

**Brahmchari Rewachand Animananda**  
(Índia)

Animananda é filho de uma casta guerreira da Índia e foi adepto da religião Sikh, cujo fundador, Guru Nanak, levou uma vida de santo. Nanak defendia a forma mais pura do teísmo. — Animananda é o nome de batismo e significa Paulo.

## SUPERSTIÇÃO INDÚ OU CULTO AO DEUS HUMANADO ?

Minha avó visava, como supremos ideais na minha educação, o amor à verdade e o amor a Deus. Cultivando esses dois ideais — dizia ela —, eu alcançaria a visão divina. Vi, certa noite, em sonho, Sree Krishna, divindade indú, trazendo esplêndida coroa. Folguei sobremodo e me felicitei a mim mesmo. Mais tarde, procurei um indú sannyasi (monge), expressando-lhe o desejo de ser seu discípulo. Meu avô, porém, me repreendeu e me trouxe novamente para casa. Estranhei ser castigado por praticar uma boa ação. Tive semelhantes surpresas, posteriormente, na escola. Um condiscípulo me deu uma tremenda surra por eu dizer a verdade. Tornei-me pensativo. Perguntava-me amiúde: — “Por que Deus me criou? Que ganhou Ele com isso?” Também o problema do sofrimento era-me enigmático. Costumavam dizer meus amigos que os sofrimentos da vida são consequências de faltas pessoais, cometidas em vida anterior. (Os indús acreditam na migração da alma de um para outro corpo, somando, dessarte, diversas vidas). Mas a resposta

não me satisfazia, tanto que sempre tornava a perguntar : — “Por que Deus me criou ? A não-existência não seria melhor ?” Só desde que me converti ao catolicismo compreendo, mais ou menos, à luz da fé, o mistério da criação. Não obstante continua sendo um mistério, só desvendável à luz da glória na eternidade.

No correr dos anos, começou a vacilar minha fé indú, em parte devido à superstição do povo, em parte por causa da vida ímpia dos bonzos e sannyasis. Certo dia, durante uma festividade religiosa, entregaram a mim e a outros um pedaço de barro com o aviso de o guardar cuidadosamente, pois transformar-se-ia, daí a um ano, em ouro. Dominava a ganância, vício por excelência dos funcionários bramenses para os quais sobretudo os casamentos e os enterros eram verdadeiras fontes de exploração. Foi este um dos motivos de eu perder a fé no induísmo, embora ficasse inabalável minha fé em Deus e no fundador do sikhismo.

Terminado o ensino primário, frequentei a C. M. S. High School (protestante) durante seis anos. Costumávamos rezar antes da aula, em vernáculo, o Pai Nosso. Maldosamente substituíamos, eu e outros rapazes, a palavra “Pai” por “bezerro” por soarem quase iguais na língua Sindhi. Matriculei-me, quatro anos mais tarde, nas aulas dominicais de explica-

ções bíblicas. Aí, Mr. Rodman relatou o fato dos três jovens que se negaram a adorar ídolos por ordem do rei, sendo então lançados ao fogo, mas nada sofreram. A convicção e o sentimento com que o missionário contou o fato constituíram para mim a prova da veracidade do milagre. Convenci-me interiormente da verdade do cristianismo.

Transcorreram mais de dois anos e estudámos os Atos dos Apóstolos. Impressionou-me de tal maneira a conversão de São Paulo que já não duvidei da origem divina do cristianismo. Lembro-me ter comunicado a um dos meus amigos a intenção de me tornar cristão. Em vista da minha metamorfose religiosa recomendou-me alguém o livro de Keshub Chundra Sen : — “Asia’s Message do Europe” (A mensagem da Ásia à Europa), cuja leitura, porém, só corroborou minhas idéias recém-adquiridas. Dizia a mim mesmo : — “Prefiro a religião do rei dos profetas à religião de Keshub Chundra Sen”.

Mas distava muito o dia do meu batismo. Eram demasiadamente grandes os empecilhos morais e espirituais. Não era fácil rebater as objeções dos racionalistas ao cristianismo, assim como era impossível defender o dogma protestante da condenação ao inferno de todos os não-cristãos. Demais, o pequeno número de convertidos, conhecidos meus, dependia completamente do missionário, e a conduta de vida

deles não estava abaixo, mas também não acima da dos não-cristãos. Não me interessava a sua convivência.

Resolvi aceitar o batismo quando ouvi que um brãmene, duma distinta casta Bengali — seu nome era Upadhyay Brahmbandhav — sacrificou posição e prestígio e curtia, por amor a Cristo, a pobreza mais amarga. Parecia-me possível viver feliz em companhia desse homem. Fez ele, a 26 de fevereiro de 1891, na sexta-feira santa, uma importante oração, falando após o seu batismo numa reunião por ele convocada sobre a divindade de Jesus Cristo. A tal ponto me impressionaram suas palavras que resolvi incontinenti renunciar ao mundo e me tornar missionário.

Sob a presidência de Brahmbandhav discorri, mais tarde, sobre o valor moral da fidelidade à convicção pessoal recomendando a todos seguirem o grande reformador Martinho Lutero, apresentando-o como exemplo brilhante da fidelidade à própria convicção. Brahmbandhav, prudente, nada retorquiou; mas seu amigo Permanand Mewaram me disse depois, quando a sós comigo: — “Lutero não é o herói que imaginas”. Aceitei o aviso. Ouvindo, porém, que Brahmbandhav simpatizava com o catolicismo, chamei-o de tolo, porque trocava os ídolos pagãos pelos católicos. Acrescentei que Guru Nanak era muito mais santo do que a Virgem Maria, porquanto Nanak se

tornou grande por seus méritos pessoais, enquanto Maria não teve méritos pessoais e apenas foi mãe de Jesus. Ignorava ainda naquela época que Maria é a única criatura concebida sem pecado, rainha de todas as virgens e que sua vida toda foi um martírio incruento.

Mr. Permanand, agora editor da revista católica "Lux", emprestou-me um livro do bispo Spalding que provara claramente que Lutero não foi um reformador, mas um rebelde contra a autoridade divina da Igreja; provava ainda que as doutrinas de Lutero são acristãs e divergentes da bíblia. Os escritos do bispo de Bombay, dr. Meurin, demonstravam, por outro lado, que a veneração das imagens na Igreja católica não tinha nada que ver com idolatria.

Perguntei ao diretor anglo-indú da High School, em vista da desconfiança dos protestantes ante a doutrina católica se as objeções dos católicos contra Lutero correspondia à verdade.

— "Escreverei para a Alemanha e me informarei" — retorqui-me ele. Lamentava, ao mesmo tempo, minha tendência catolizante. — "Por que o sr. leu esses livros romanos?" — perguntou-me.

Respondi ser minha única intenção examinar as afirmações espalhadas sobre Lutero. Ao que ele observou :

— “O nosso tema principal versa em torno de Cristo, e não de Lutero”.

Tal atitude cautelosa de um protestante diante de Lutero aumentou minha inclinação para a Igreja católica. Estudei, com grande aplicação, o manual das religiões cristãs, de Wilmer. A dogmática cristã é nele explanada tão nítida e razoavelmente que não me podia senão convencer da origem divina da Igreja católica.

Enquanto protestante, cativava-me sobretudo a personalidade de Cristo. Mas creio que não me teria tornado um cristão integral sem que a infinita misericórdia de Deus me tivesse mostrado a Igreja católica, porquanto seria incapaz de vencer, pelo protestantismo, as dificuldades espirituais causadas pelo racionalismo. Recordo-me, com prazer e gratidão, do Pe. Patholf, S. J., da arquidiocese de Bombay, que desfez minhas dificuldades e confirmou minha convicção. Ainda assim, distava muito o dia do meu batismo. Estavam superadas as dificuldades intelectuais, mas não as morais. Não conseguia me separar daqueles a quem estava ligado pelos vínculos do sangue e do amor.

Entretanto, falava abertamente com meus amigos sobre a verdade da religião católica, sobre a santidade e harmonia da sua doutrina, a singularidade e sublimidade da vida casta conforme as máximas da Igreja. A vida heróica

dos santos inspirou-me uma compreensão mais profunda da pessoa de Jesus Cristo. Sim, as imagens dos santos me eram dignas de veneração.

Falei, certa vez, naquela época, com um aluno meu sobre as verdades da Igreja católica. Respondeu-me ele pedindo não reiniciar tais conversações religiosas enquanto eu mesmo não tivesse dado meu coração a Cristo. Para ser franco, ainda não chegara a esse ponto, e assim resolvi, finalmente, fazer eu mesmo o que ensinava e aconselhava a outros. Animado pelo exemplo de um patrício meu e conduzido pela graça de Deus fui batizado oito meses mais tarde pelo Pe. Salinger, S. J., na festa da SSma. Trindade, em Hyderabad (Sind), no mês de maio de 1893.

**Knute Rockne**  
(U. S. A.)

Knute foi, há um decênio, o footballer profissional mais afamado e conhecido nos Estados Unidos da América do Norte. Estudou na Universidade de Notre Dame, no Estado de Indiana, e sucumbiu, mortalmente ferido, em seu avião, pouco tempo após a sua conversão.

## O FOOTBALLER PROFISSIONAL

Impressionava-me sempre profundamente ver meus rapazes receberem diariamente a santa comunhão. Acabei tomando a resolução de assistir com eles, nos dias de jogos, à missa. O público registava desfavoravelmente que eu, chefe do *scratch*, após a chegada a uma cidade, me dirigia ao hotel para gozar de todo o conforto, enquanto meus rapazes, logo depois de deixarem o trem, se dirigiam à igreja. Tanto que resolvi — para não melindrar o público — assistir com meus rapazes, nos dias de jogo, à missa.

Certa noite, antes de uma grande partida, me inquietei sobremodo ao pensar no jogo do dia subsequente e não consegui dormir. Incapaz de conciliar o sono, me vesti e entrei no *hall* do hotel para, sentado numa poltrona, entregar-me aos meus pensamentos. Seriam 2 ou 3 horas da madrugada. O *hall* estava deserto. Sentei-me. Para me distrair entabolei conversa com os “piccolos” que andavam por perto.

Por volta das 5 ou 6 horas, sempre no *hall*, vi saírem, repentinamente, dois dos meus jogadores. Perguntei-lhes o motivo, se bem que

já o adivinhasse. Retirando-me para um canto do *hall*, observei — sem poder ser visto — saírem quase todos os meus jogadores, apressadamente, em grupos de 2 ou 3. Afinal me aproximei para indagar dos restantes o itinerário.

Esperei um ou dois minutos, quando os últimos deixaram o elevador e se dirigiram à porta. Perguntei-lhes se iam assistir à missa. Eles confirmaram. Resolvi imediatamente acompanhar os rapazes. Os moços provavelmente não adivinharam que seu zelo e sua piedade me impressionavam profundamente.

Vendo que todos se aproximavam da mesa da comunhão, e refletindo que, para isso, sacrificavam algumas horas de sono, compreendi, pela primeira vez, a força grandiosa da religião na vida desses moços.

Reconheci, naquela hora, a luz. Vi o que sempre me faltou na vida. Pouco tempo depois tive a grande felicidade de estar com meus camaradas à mesa da santa comunhão.

**Ralph H. Metcalfe**  
(U. S. A.)

Quando Metcalfe descreveu a sua conversão ao catolicismo cursava a Universidade Marquette, em Milwaukee. Foi vice-campeão mundial na corrida de 100 metros nos jogos olímpicos em Los Angeles (1932). Estabeleceu, em 1933, o novo *record* mundial, percorrendo os 100 metros em 10,2 segundos.



## O ATLETA RECORDISTA

Sente-se, com efeito, grande satisfação vencendo na pista os mais velozes *sprinters* do mundo. É um momento feliz sabendo que se alcançou ou até estabeleceu *record* na corrida. São alegrias da luta desportista. Há noticiário adulador nos jornais, que se lê, naturalmente, com muita satisfação sem lhes atribuir demasiada importância.

Mas tudo isso — as honras e os favores que recebi porque casualmente tive sorte como *sprinter* — não pode ser comparado com a alegria de sentir, pela primeira vez, toda a felicidade de ser católico. Encontrei uma felicidade nova na minha religião e um consolo inesperado nas minhas orações. Minha conversão foi certamente a mais importante ação individual de toda a minha vida, e de nenhum modo me arrependo de ter dado este passo.

Parecerá curioso ou estranho a muitos leitores, principalmente nos Estados Unidos, que um negro se converta à verdadeira Igreja. Minha raça, porém, que se destaca com sucesso sempre maior no domínio cultural, seria uma colheita rica para a missão interna. O catolicismo realizou entre os meus irmãos de

sangue uma atividade destacada. Provam-no as igrejas e escolas construídas para a população de cor.

Posso afirmar que não tive dificuldades particulares quando da minha conversão ao catolicismo. Desconhecia os empecilhos suscitados pelo lar paterno a tantos convertidos. Minha mãe até converteu-se ao catolicismo antes de mim. Morava ela na casa de seus pais em Chicago e seu interesse pela Igreja foi despertado por amigas, brancas e negras, que pertenciam à verdadeira fé e cuja sinceridade, zelo e resignação no sofrimento muito a impressionaram.

Naquela época, ainda estudante ginásial, dedicava meu interesse casualmente à Igreja católica. Foi uma das razões por que escolhi a Universidade Marquette, pois ela é uma instituição católica.

Ao contrário de diversas interpretações de meus amigos não-católicos, não se efetuou minha conversão por influência inoportuna dos padres jesuítas, também não pela de meus amigos do *scratch ou de aula*. Muito tempo antes de frequentar as preleções na Universidade Marquette interessei-me — como já foi dito — pela Igreja, e as observações então feitas confirmaram apenas minhas deduções anteriormente apuradas.

Confiei “meu grande pensamento” a um bom amigo durante uma excursão da Univer-

sidade Marquette, na temporada do inverno de 1932. Congratulou-se entusiasmadíssimo comigo e aconselhou-me estudar imediatamente a religião. Mas retruquei dizendo: — “Agora não tenho tempo. Impedem-me o excesso de estudos e o treino na pista. Quero aproximar-me do catolicismo com os olhos abertos”. Meu amigo, porém, insistiu. Anunciou a novidade ao então diretor dos sodalícios na Universidade, Pe. John Markoe, S. J., que todos nós considerávamos “a man’s” no sentido mais belo da palavra. Dirigi-me, portanto, a ele.

Não senti propriamente qualquer dúvida, mas a conversão parecia-me demasiado imponente. As aulas particulares do Pe. Markoe eram muito simples. Mostrou, antes de tudo, qual é a verdadeira Igreja e depois explicou-me as verdades da fé e os costumes religiosos. Ainda outros amigos dispensavam-me a maior atenção. Encontrei sempre na Universidade um notável espírito de comunidade entre os estudantes e a faculdade; não só no sentido religioso como também na colaboração científica. Está nisso uma das razões de gostar daqui e de me sentir feliz.

Minha recepção na Igreja efetuou-se há uns 2 anos. O dia da confirmação foi um dia de festa para mim. Não menos alegria me trouxe o dia 8 de dezembro de 1932, quando da minha entrada na congregação mariana.

Frequento a igreja dos negros, cujo padroeiro é S. Benedito, o Preto. O templo está situado nas proximidades da Universidade e muitas vezes sou acompanhado de qualquer outro estudante negro, não católico, da Universidade.

O catolicismo abriu meus olhos. Proporcionou-me nova alegria de vida, consolo e força. Confio sempre na oração, seja no esporte ou estudo, seja nas minhas aspirações físicas ou espirituais. É meu desejo e minha prece conservar sempre a fidelidade à Igreja.

**Gilbert Keith Chesterton**  
(Inglaterra)

G. K. Chesterton, de Beaconsfield, é conhecido como jornalista, poeta, político, filósofo, crítico de arte, orador e autor de obras largamente apreciadas. Tornou-se católico em 1922 e passou a ser um entusiasmado defensor da fé católica e da ortodoxia cristã. Já em 1908 aparecera sua apologia em prosa da fé católica: "Orthodoxy" e, em 1910, seu romance simbólico: "The Ball and the Cross". Chesterton é acérrimo adversário tanto do capitalismo como do socialismo. Quer como romancista, quer como poeta, e sobretudo como crítico, o seu nome ficou um dos mais conhecidos entre os dos modernos pensadores ingleses. Amante da vida espiritual livre e ativa, com "imaginações livres" — como dizia — enxertou nessa sua repugnância pelo materialismo sistemático da civilização mecanizada um misticismo

de formas muito pessoais, que o conduziu ao catolicismo — ato esse que mereceu de alguns vultos literários áspersos comentários, especialmente de Shaw, com quem teve constantes polémicas. A tal respeito costumava mesmo dizer : — “Parte da minha existência tenho-a passado a lutar com Shaw ; e esta luta constituiu em Inglaterra um passatempo nacional”. “São Francisco de Assis” e “A volta de D. Quixote” parecem ser as únicas de suas obras traduzidas para o português. Nasceu em 1874, faleceu em 1936. Era também conhecido, nas letras, só pelas três iniciais G. K. C.

## MOTIVOS PARADOXAIS

A pergunta : — “Por que *sou* católico ?” é muito diferente destoutra : — “Por que *me tornei* católico ?” Os motivos são cada vez mais numerosos, e só se apresentam depois de o primeiro deles já nos haver levado à realização prática. Tão numerosos e tão diferentes são eles que o motivo primordial chega a se nos afigurar secundário ou destituído da importância. Seu grande número, entretanto, depressa se funde num só.

Certos agnósticos, entendidos em arte, gostam de verificar, não raro com bastante auto-suficiência, o que há de antigo e o que de renovado numa catedral, ao passo que o católico procura saber, antes de mais nada, se ela foi renovada e se está em condições de novamente servir de catedral.

Todo o meu edifício da fé semelha uma catedral — demasiadamente grande para ser descrita até aos pormenores. Sim, dificilmente posso precisar a idade das diversas pedras. Creio, porém, poder afirmar que aquilo que, primeiro, me atraiu para o catolicismo, afinal de contas me deveria ter detido ou afastado.

Acho que mais de um católico deve seus primeiros passos a Roma à amabilidade do falecido sr. Kensit (1).

Recordo-me, com particular nitidez, de dois casos em que as acusações de autores sérios me fizeram justamente simpatizar com o que eles condenavam.

No primeiro caso mencionavam Horton e Hocking, tremendo e apavorados, uma terrível blasfêmia que havia encontrado num místico católico sobre a santíssima Virgem: — “Todas as outras criaturas devem tudo a Deus, mas a ela o próprio Deus deve gratidão”. Estremeci como que sob uma clarinada, e disse quase em alta voz: — “Quão maravilhosamente isto está dito!” Parecia-me que o incrível da Incarnação — contanto que se entenda bem o místico — dificilmente poderia ser exprimido melhor ou mais claro.

No segundo caso, estigmatizou alguém da “Dailk New” (da qual também eu fazia parte), como exemplo típico do formalismo morto no culto católico, o seguinte fato: a alguns soldados e operários que, só mortos de cansaço,

---

(1) O sr. Kensit, um pequeno livreiro da City, conhecido como protestante ferrenho, organizou em 1898 um bando que penetrava sistematicamente nas igrejas ritualistas para estorvar o culto divino. Morreu em 1902 em consequência de feridas recebidas num desses assaltos. A opinião pública virou-se, depressa, contra o sr. Kensit. Com a expressão “Kensitite Press” designam-se, na Inglaterra, as piores folhas eclésiásticas anti-romanas, a que falta todo e qualquer bom senso e toda boa vontade.

podiam vir cedo à igreja, um bispo francês dissera que Deus se dava por satisfeito com a sua presença corporal e lhes perdoava o cansaço e a distração. Mais uma vez disse a mim mesmo : — “Que boa porção de bom senso tem essa gente ! Se alguém corresse dez milhas para me prestar um favor, eu lhe seria grato, mesmo que, de cansaço, logo adormecesse perto de mim”.

Assim, poderia citar outros exemplos idênticos, daquele primeiro tempo em que os incipientes e fracos movimentos da minha fé católica eram praticamente alimentados só por escritos anticatólicos. Não tenho a menor dúvida sobre o que se seguiu a esses primeiros movimentos. É uma dívida que, quanto melhor a conheço, mais desejo saldá-la. Até muito antes de encontrar os dois homens eminentes a quem muito devo neste sentido : o rev. John O'Connor de Bradford e o sr. Hilaire Belloc, comecei a progredir neste rumo, e isso sob a influência do meu habitual liberalismo político, no próprio baluarte da “Daily News”.

Tentarei assinalar um ou dois pontos que me impressionaram sobremaneira.

Há, no mundo, bem uns milhares de qualidades de misticismo, capazes de fazer enlouquecer um homem. Mas há uma só qualidade capaz de colocá-lo num estado normal. Certamente, a humanidade não suporta muito tem-

po sem mística. Mesmo as primeiras sílabas estridentes da voz gélida de Voltaire acharam eco em Cagliostro. Nos tempos atuais tornam a espalhar-se entre nós a superstição e a credulidade com tamanha rapidez que, em breve, estarão lado a lado o agnóstico e o católico. O católico será o único homem que, com razão, se poderá caracterizar como racionalista. Começou a mesma dança de mistérios pelos fins da Roma pagã, a despeito de todos os intermezzos cétricos de Lucrécio ou Lucano.

Não é natural ser materialista, nem dá impressão natural. Não é natural a gente se contentar com a natureza. O homem é um místico. Nascido como místico, quase sempre morre como místico, sobretudo quando ele é agnóstico. Enquanto, porém, todas as sociedades humanas, cedo ou tarde, percebem este pendor para coisas extraordinárias, deve lembrar que apenas uma delas leva em conta as coisas quotidianas ou prosáicas. Todas as demais deixam de lado o que é prosaicamente quotidiano e o desprezam.

Muitos sinais místicos já fizeram estremecer o mundo. Mas um só o conservou : o santo está colocado ao lado do homem simples ; o peregrino manifesta caridade à família ; o monge defende o matrimônio. Entre nós, o melhor não é inimigo do bom. Entre, nós o melhor amigo do bom. Toda outra revelação visionária degenera, no fim das contas, nesta ou naquela filosofia inumana, em simplifi-

cações destrutivas, em pessimismo, em otimismo, em fatalismo, em nada e mais nada, em absurdo.

Todas as religiões encerram algo de bom. Mas *o bom*, a coisa como tal, a verdadeira humildade e caridade e ardente gratidão para com Deus não se encontram nelas. Quanto mais profundamente as conhecermos, quanto mais respeito sentirmos diante delas, tanto mais precisamente entenderemos isso. No seu âmago existe algo diferente do puro bom. Deparamos aí, antes, a dúvida metafísica sobre a matéria, ou a voz forte da natureza ou, na melhor hipótese, o temor diante da lei do Senhor.

Exageradas estas coisas, nasce daí uma deformação que vai até ao culto do demônio. Podem ser suportadas enquanto forem sofríveis. Enquanto permanecerem bem quietas, podem-se respeitá-las, como o protestantismo vitoriano. Mas o ardente entusiasmo pela santíssima Virgem ou a mais maravilhosa imitação de São Francisco de Assis permanecem, bem no fundo, sempre uma coisa sólida e sã. Por causa delas, ninguém jamais renegará seu lado humano ou desprezará seu semelhante. O que é bom, jamais se poderá tornar demasiadamente bom. Eis uma das características que me parecem ao mesmo tempo únicas e universais.

Vejamos mais uma.

Só a Igreja católica pode salvar o homem da escravidão esmagadora e degradante de ser filho do seu tempo. Bernardo Shaw manifestou recentemente o desejo de todo homem poder viver 300 anos numa época mais feliz. Isso caracteriza a maneira como os "Fabianos", de acordo com a sua própria asserção, só querem reformas práticas e objetivas. De resto, isto é fácilimo, pois estou firmemente persuadido de que, se Bernardo Shaw vivera esses últimos 300 anos, a tempo ele se teria tornado católico. Teria compreendido como o mundo descreve círculos e quão pouco a gente se pode fiar no seu progresso... Seja como for, ele deseja a todo homem uma experiência de 300 anos. Em contraste com qualquer outro homem, o católico possui uma experiência de 1900 anos. O homem que se torna católico, atinge dum golpe a idade de 2.000 anos. Com mais precisão, quer isto dizer : só agora ele cresce para alcançar a plenitude humana. Ele julga as coisas tais quais elas movimentam a humanidade em todos os países e tempos — e não de acordo com as últimas notícias dos jornais.

Quando diz um homem moderno que sua religião consiste no espiritualismo ou socialismo, então é porque ele vive inteiramente no mundo de partidos recentíssimos. O socialismo é uma reação contra o capitalismo, contra a acumulação insalubre da riqueza em nossa própria nação. Seria bem diversa a sua polí-

tica se vivesse alhures, digamos por exemplo em Esparta ou no Tibet. O espiritualismo não chamaria tanta atenção se ele não fosse um contraste ardente contra o materialismo largamente divulgado. O espiritualismo seria impotente se o supersensível fosse reconhecido universalmente. Só depois que uma geração inteira declarou dogmaticamente que não *pode* haver espíritos, é que ela se deixou atemorizar. Tais coisas são invenções do nosso tempo. Digamos isso à guisa de desculpa. Há muito provou a Igreja católica que ela não é uma invenção do seu tempo. Ela é obra do seu Criador e, mesmo na sua idade já avançada, possui ela tanta vitalidade como na sua juventude primordial. E até seus próprios inimigos, no fundo da alma, já perderam a esperança de vê-la morrer jamais.

Até meados do século dezenove esperava-se de um homem que apresentasse suas razões por haver ingressado na Igreja Católica. Hoje, o que dele se espera é que justifique o nela não haver ainda ingressado. Pode isto parecer um exagero ; mas acredito que seja uma verdade no subconsciente de muitas pessoas. Quanto às razões para um homem assim proceder, duas são verdadeiramente fundamentais. Uma é que acredita seja ela a verdade sólida e objetiva, quer ele o queira, quer não ; e a outra, é que busca ele a liberação dos próprios pecados.

Se algum homem existe para quem não sejam esses os motivos principais, será ocioso indagar-lhe as razões filosóficas, históricas ou emotivas que o levaram a ingressar na velha religião ; pois que, em absoluto, nela não ingressou.

Porém melhor será dizer preliminarmente duas ou três palavras com respeito a outro ponto : o que podemos chamar o desafio da Igreja. Quero dizer que o mundo recentemente tomou conhecimento de tal desafio por forma curiosa e algo insólita. Literalmente sou um dos menores, porque dos últimos, de u'a multidão de convertidos que liam pela mesma cartilha que eu. Houve um feliz aumento em o número dos católicos ; mas houve também, se assim o posso dizer, um feliz aumento em o número dos não católicos ; isto é, dos não católicos conscientes. Tornou-se consciente o mundo de que não é católico. Não faz muito tempo e ficaria ele também a matutar por que não era adepto de Confúcio. E todo o aperto de motivos para não aderir à Igreja de Roma é apenas o começo da razão determinante de nela ingressar.

Entenda-se que, neste passo, me refiro a uma reação e a uma rejeição que, tal como sucedeu a mim, são honestas se bem que oriundas de uma convicção convencional. Não me refiro agora àquele estado de simples auto-decepção ou de obstinadas desculpas : conquanto tal estado anteceda o fim. Apenas ob-

servo que, mesmo quando na verdade pensamos que as razões são racionais, tacitamente presumimos que as razões são necessárias. Nos primórdios de todas as nossas mudanças, se posso falar em nome de muitos melhores do que eu, havia a idéia de que devemos ter razões para não ingressarmos na Igreja católica. Eu jamais tive qualquer motivo para não me filiar à Igreja grega, ou à religião de Maomé, ou à Sociedade teosófica, ou à Sociedade dos Amigos.

Sem dúvida poderia eu descobrir e definir as razões, caso fossem elas pedidas, exatamente como poderia encontrar razões para não ir morar na Lituânia, ou não ser contador diplomado, ou não mudar meu nome para Vortigern Brow, ou não fazer milhares de outras coisas que nunca me ocorreu fazer. Mas o caso é que jamais senti, em absoluto, a presença ou compelência da sua possibilidade ; nunca ouvi uma voz, importuna e distante, chamando-me para a Lituânia ou para o Islam ; nunca senti comichões de explicar a mim próprio por que meu nome não era Vortigern ou por que minha religião não era a teosofia. Esta espécie de presença e compelência da Igreja é hoje, acredito-o, universal e ubíqua ; não apenas entre os anglicanos, porém entre os agnósticos. Repito : não quero dizer que não tenham objeções reais ; pelo contrário, quero dizer que

realmente começaram a opor objeções ; começaram a espernear e a lutar.

Um dos mais famosos e modernos mestres da ficção e da filosofia social, talvez o mais famoso de todos, escutava certa vez uma discussão entre mim e um ministro da “High Church” sobre a teoria do cristianismo. Lá pelo meio o grande romancista desandou em pulos de doido pela sala, aos gritos de “Eu não sou cristão ! Eu não sou cristão !”, imitando o bater das asas dos passarinhos escapos ao laço do caçador. Tinha ele a impressão de que um exército imenso o circundava, empurrando-o e tangendo-o em direção ao Cristianismo e por fim ao Catolicismo. Pareceu-lhe que rompera o cerco e ainda não fora apanhado. Com todo o respeito devido ao seu gênio e à sua sinceridade, tinha o jeito de quem se retira alegremente e depressa antes que lhe perguntem : — “Por que não ingressa na Igreja Católica ?”

Bem notara eu desde logo essa consciência comum de desafio da Igreja porque me parece ter conexão com mais outra coisa. Esta outra coisa é a mais forte de todas as forças puramente intelectuais que me arrastaram para a verdade. Não é apenas a sobrevivência da fé, porém a natureza singular dessa sobrevivência. Eu a chamei, empregando a frase convencional, da velha religião. Mas não é uma religião velha ; é uma religião bem moça ; quase especialmente uma religião para os moços. É muito

mais nova do que a nova religião ; seus rapazes são mais ardentes, mais senhores do seu assunto ; mais impacientes por explicarem e discutirem do que os jovens socialistas da minha mocidade. Ela não resiste apenas, como a velha guarda ; retoma a iniciativa e desencadeia o contra-ataque. Numa palavra, é aquilo que os jovens costumam ser, com ou sem razão : é agressiva.

Foi essa atmosfera de agressividade do Catolicismo que pôs em guarda aos velhos intelectuais. Foi o que produziu a quase mórbida auto-consciência de que falei. Os convertidos batem-se, em verdade, — como dizem as palavras que ressoam qual estribilho no começo da Missa — por uma coisa que lhes alegre a mocidade. Eu não posso compreender que esta frescura extraterrena em algo tão antigo possa ter explicação plausível, exceto o supor-se que tal coisa, em verdade, não seja terrena.

**Sigrid Undset**  
(Noruega)

Sigrid Undset, romancista norueguesa e a terceira mulher a obter o prêmio Nobel em literatura, nasceu em 1882 e converteu-se ao catolicismo em 1925. Froeken Undset usa habitualmente o costume nacional das matronas vikings da idade média, e só traça vestidos modernos quando em viagem fora do país. Iniciou sua atividade literária em 1907. Suas obras principais são : "Kristin Lavransdatter" (3 vols.), "Olaf Audunsson" (4 vols.), "Gymnadenia", "A Sarça Ardente", "A filha de Gunnar", "Encontros e separações" (quase autobiográfico) e seu recentíssimo livro de reportagens, traduzido para o português : "Volta ao futuro". Sigrid Undset é uma das mais famosas romancistas da atualidade. Sua conversão teve retumbância enorme nos países escandinavos.

## ALÉM DAS LIMITAÇÕES HUMANAS

Se todos os convertidos que retornam à Igreja católica tivessem que descrever os seus caminhos para Roma, seria provável que nem dois sequer tenham seguido a mesma estrada. Nós, que aceitamos a afirmação da Igreja, de ser “a coluna e o fundamento da Verdade”, não nos admiramos de que sejam tantos os caminhos quantos os espíritos.

Quando os homens tão obstinadamente se apegam à esperança de que será impossível para a humanidade encontrar a Verdade Absoluta, é porque supõem que a vida perderia todos os seus encantos e haveria uma limitação à nossa liberdade, caso existisse uma verdade — uma simples verdade, na qual todo o resto estaria compreendido. Por vezes, muitos de nós temos achado intolerável que duas vezes dois sejam sempre quatro. É, entretanto, sobre a aceitação deste dogma enfadonho que deve repousar a possibilidade de se desenvolverem a maior parte dos talentos e ações individuais de alguém. Se um homem se reserva a liberdade de agir e calcular com a convicção pessoal de que duas vezes dois sejam cinco, ou nada, ou sete,

terá ele que sofrer as consequências. Entre estas, as represálias dos seus semelhantes, quando tiverem que liquidar contas com ele tendo por base uma taboada de multiplicar tão subjetiva.

Da mesma forma todos nós experimentamos, pelo menos como um capricho passageiro, esse desejo ardente por uma terra de sonho em que duas vezes dois valham tanto quanto nós, no momento, desejaríamos que valessem. Realmente, a liberdade de qualquer terra de sonho é ilusória, pois na verdade o número de tipos de combinações do sonho é limitado. A vida do sonho é regulada por leis em grau maior do que muita gente imagina. Porém o que desconhecemos não nos impressiona e, assim sendo, imaginamos que implica esplendorosa liberdade o transferirmo-nos para um mundo cujo sistema e qualidade nós próprios determinamos. Tal, porém, não é o caso na realidade em que nascemos, onde a natureza essencial e a propriedade dos seres são fixados e ligados por leis.

Ao que saibamos, uma vida única existe para que a humanidade seja livre. Pode o homem escolher seu caminho entre um labirinto de causas e concatenações e terminar não raro a sua tentativa num emaranhado que o segura e prende firmemente. Neste mundo, só podemos atingir uma única espécie de liberdade, aquela à qual Nosso Senhor se refere ao dizer:

“A Verdade vos libertará”. Contudo, mesmo após haver o homem reconhecido a liberdade, e por ela ter sido libertado, de modo que os fatores determinantes na vida não mais o encadeiem, não pode ele manter tal liberdade a não ser a custo de uma luta incessante contra os poderes a que escapou e, em primeiro lugar e especialmente, contra a tentação de volver um olhar saudoso àquela terra de sonho, onde dois mais dois teriam qualquer valor que ele desejasse e onde ele próprio poderia decidir a respeito de qualquer coisa que devesse existir.

É bem compreensível, de certo modo, esta ingenuidade do homem moderno em procurar livrar-se da autoridade da Igreja. Verificamo-la no esforço contínuo que ele faz para fugir a qualquer coisa que pretenda ser autoridade. Ainda, esses esforços para evitar a sujeição e esta luta contra uma Igreja, a qual sempre reclamou abertamente o reconhecimento de sua autoridade, não são peculiares ao homem moderno. A mesma tendência exerceu grande poder sobre os judeus, em Jerusalém, nos dias anteriores à Páscoa, no ano da crucificação de Nosso Senhor.

Contudo, talvez poucos convertidos possam explicar a própria conversão: dizerem como foi vencida a sua oposição Àquele que a Si próprio se denominava o Caminho, a Verdade e a Vida, — oposição ditada pelo medo e

pela desconfiança. Necessariamente implica isto o auxílio daquela força mística e sobrenatural que os teólogos denominam “graça”. Nada mais podemos dizer além das nossas experiências diárias, até que chega um dia em que sentimos a injustiça da nossa oposição. O homem nutre uma desconfiança fundamental contra qualquer autoridade que seja puramente terrena e, contudo, a nossa natureza humana sofre do incurável desejo de alguma autoridade. Queremos mestres que realmente nos ensinem, chefes que nos dêem ordens e proibições, queremos alguém acima de nós, de quem dependamos e a quem admiremos, — e a quem possamos amar.

Mesmo na minha adolescência não me foi precisa muita acuidade mental para descobrir este fato, conquanto então a fome mundial de autoridade ainda não houvesse assumido o aspecto patológico que desde então assumiu. Surge assim a pergunta : — desejamos a Autoridade por termos sido criados para nos inclinarmos perante uma Autoridade, a qual, ela só, possui direito legítimo sobre nós, o direito de um *Auctor Vitae* ?

“Pense por si mesma”, diziam constantemente às crianças na escola que eu frequentava. Porém, quando eu seguia tal conselho a meu modo, e minha maneira de ver resultava em algo diferente daquilo que os professores pretendiam que eu pensasse, logo notava que

ficavam desagradavelmente surpresos. Nada descobriam em meu desacordo com eles além do desejo de oposição, malícia, ou que me deixara eu influenciar por gente boçal, ignorante ou mentirosa, que não cria e pensava como os meus mestres. A diretoria da escola era um dos expoentes dos Direitos da Mulher em nossa terra, e o espírito da escola era pronunciadamente “esquerdista” desde o fim do século passado. “Liberdade, Progresso, Luz” — tal era o mote ; Wergeland e Bjornson eram-lhe os santos padroeiros.

Tive e tenho grande simpatia por muita gente que encontrou nessa tendência um objetivo para o seu idealismo : o desejo de servir à pátria, ao sexo, a determinada classe ou à humanidade em geral. Descobri, contudo, muito antes de me tornar adulta, que a gente que se diz de mentalidade liberal ou radical, ou em dia com a nossa época, é, com frequência, extremamente fanática. Ser fanático não consiste em estar um homem convencido de que a sua crença é verdadeira e a de outrem errada, porém em ter muito pouca inteligência para poder perceber que os outros que discordam dele o possam fazer de boa fé e com absoluta honestidade.

Certo havia boa dose de fanatismo nos círculos conservadores daquele tempo. Em meus dias de mocidade o conservador aparecia-me como um indivíduo de raça diferente. Aqueles

com os quais me encontrei mais tarde, durante os anos de trabalho em escritório, por exemplo, não me despertaram nenhum interesse real em conhecê-los melhor. Tinha a impressão de serem almas conformadas e pouco fanáticas.

O primeiro que me proporcionou uma visão mais clara do ponto de vista conservador da vida naquela época foi, de passagem, o ministro que me crismou. Recebi a impressão de que, em todo caso, naquela congregação, Deus não exigia nada mais (pelo menos das moças) a não ser virtudes essencialmente negativas, que provassem ser de utilidade. Aborreceu-me especialmente quando tratou diante de nós a respeito do sexto mandamento. Dirigiu seus conselhos às moças da escola pública. Preveniu-as contra o aceitarem convites para festinhas, contra os homens que as podem namorar em suas tardes de folga, e narrou-lhes a tocante história de u'a mocinha que ele visitara em um hospital, onde jazia devido a um "único beijo". Aquilo chocou-me, e eu pensei: "Na verdade, a moça não cometeu um ato tão pecaminoso. Ao contrário, a culpa foi do homem". Eu bem sabia que senhoras do nosso meio eram não raro culpadas de coisas muito mais imorais do que o mau passo dado por aquela pobre criada. Vieram-me à lembrança a infração dos votos matrimoniais, a corrida empós de homens considerados como bons partidos, fossem ou não escrupulosos em negócios

ou mal-intencionados. Que a virgindade pos- sua um valor positivo, que possa ser uma fonte de energia e não apenas um ativo ne- gociável no mercado matrimonial, dificil- mente se poderia esperar que um ministro daquele meio intelectual no-lo dissesse. Con- siderava-se uma espécie de infortúnio, ou motivo para pilhéria, tornar-se a mulher uma solteirona. Eu lera o que Lutero escreveu so- bre a virgindade e aquilo me tornara anti- luterana. Muitas coisas aprendera eu frequen- tando a escola de Ragna Nielsen !

Naquele tempo, contudo, eu não duvidava de que o ministro nos falasse de boa fé e que realmente estivesse pronto a sofrer e a fazer sacrifícios pela sua desagradável idéia de Deus. Por outro lado eu não estava disposta a aceitar a sua versão do cristianismo como mais autên- tica do que outras em que confiara. Suas ins- truções sobre a confirmação mostraram-me claramente que eu não cria na religião com a qual, em minha infância e juventude, sonhara ter uma ligação distante e vaga. Fora uma des- graça que no protestantismo que eu aprendera a conhecer quase todas as pessoas com incli- nação religiosa tivessem também suas convic- ções pessoais ou sua própria e independente concepção do cristianismo.

O Deus que nos era apresentado pelos nossos mestres escolares de religião era mais aceitável que o deus Uranienborg. Era hu-

mao — genuinamente humano — porém não mais humano que a mais nobre humanidade que eu pudesse imaginar. Era sábio, porém de sabedoria não superior à compreensão humana. Semelhantemente a muitas outras jovens educadas em um ambiente livre-pensador, eu tinha a impressão de que a fé de cada um era um assunto pessoal, senão puramente um assunto de gosto. Eu também tinha a minha própria crença, conquanto não visse a menor necessidade de um Deus caso a Sua existência tivesse por finalidade exclusiva convir com as minhas idéias de verdade e erro, de honra e deshonra, e aprovar meus ideais e minhas condenações. Desde que estes, concluía eu, têm que estar de acordo com a minha natureza e a minha educação, sinto que poderia sustentá-los sem construir um Deus que deveria concordar comigo.

Um Deus que fosse como exatamente o Oposto (*den Absolutt Andre*) e, ao mesmo tempo, que pudesse comunicar-se comigo; cujos caminhos não fossem os meus caminhos, cuja vontade — absoluta e distinta — pudesse distinguir-se da minha vontade, porém que pudesse guiar-me, ao mesmo tempo, pelos seus caminhos e afinar o meu querer em harmonia com o seu querer — este Ser eu ainda não ousava imaginar.

Aqueles que nos falavam em nome do cristianismo empregavam o nome divino apenas

para justificar os próprios processos de pensar e os próprios ideais. Grande número deles havia abandonado o cristianismo histórico como algo insustentável, conquanto — devido a uma atitude de espírito puramente sentimental — não pudessem abandonar um ponto de vista colorido pelo cristianismo. Haviam abandonado a fé em Jesus Cristo como Deus e Homem, porém continuavam adorando Jesus, o Filho do carpinteiro, como um homem ideal, um ideal humano. Dogma, verdade, revelados de “além” e formulados em linguagem humana, nisto não podiam crer, porém criam na intuição religiosa e no gênio religioso da humanidade.

Não me inclinava, em absoluto, para a adoração do Homem, nem podia acreditar na intuição de outrem, especialmente de Alguém que dissera de Si próprio : “Aprende de mim, que sou manso e humilde de coração” e que, não obstante, usara ao mesmo tempo de uma tal linguagem contra os seus antagonistas que o mínimo que se poderia dela dizer é que era arrogante — caso quem assim agira não fosse mais do que um simples gênio humano. Parti do ponto (que considerei como provado sem examinar a evidência) de que o Jesus histórico era um gênio religioso cuja instituição levara o Deus-Idéia da humanidade muitos passos à frente no caminho do desenvolvimento. Para todos nós “desenvolvimento” era

sinônimo de “aperfeiçoamento”, se prestávamos ao assunto qualquer atenção. Não via que interesse podia ter para mim que um jovem judeu, há mil e novecentos anos, andasse a afirmar ao povo que os pecados deste estavam perdoados, principalmente quando Ele dissera de Si próprio : “Qual de vós me convencerá de pecado ?” Não pudera, portanto, ter conhecido por experiência pessoal quanto dói a alguém ter cometido alguma coisa contra outrem, e que este alguém quereria por tudo neste mundo não ter feito, ou o que seja a agonia de se haver frustrado as melhores intenções de alguém por forma tão grave que o próprio perdão parece quase impossível. Eu sabia o que era lamentar a crueldade contra os outros, a covardia secreta, a indolência quando era esta imperdoável. A vida, posso dizê-lo, de acordo com a minha humanística religião particular, não resultara em satisfação agradável para comigo — a não ser que, e seria isto o mais lamentável de tudo, eu me inclinasse a comparar-me com outros que aparentemente viviam de acordo com sistemas mais fáceis. Bem sabia eu que o meu conhecimento das suas vidas privadas era muito perfunctório para habilitar-me a julgá-los com exatidão, nem também, tanto quanto possa dizê-lo, tributavam eles qualquer apreço às minhas próprias idéias morais.

*Si non est Deus, non est bonus.* Eu não sabia, naquela época, que outros já haviam dito o mesmo há muito tempo, porém estava bastante familiarizada com a história para saber que o cristianismo histórico pregara um Jesus que podia perdoar todos os pecados a todos os homens por ser Deus e Criador, e porque todos os nossos pecados, contra nós mesmos ou contra o próximo, são antes de tudo pecados contra Ele. Ele pode perdoar os pecados porque todo o poder Lhe é dado no Céu e sobre a terra, mesmo o poder de transformar nossas transgressões contra os outros em alguma coisa de bom. Tal era o Cristo que santo Olavo pregara aos homens que vieram e se ofereceram para crer na personalidade cativante do próprio Rei. “Se crêem em mim, devem ter fé naquilo que eu lhes ensino, devem crer que Jesus Cristo criou os céus, a terra e todos os homens”.

Todavia, foi a *Vida de Jesus*, de Renan, e uma porção de tentativas semelhantes para reduzir-se o Cristo ao puramente “Jesus histórico”, que primeiro me levaram a compreender quão inacreditável era que um homem, com a mínima semelhança com qualquer desses fantasmas, pudesse ter inspirado aos amigos que O sobreviverem qualquer coisa tão leal quanto as aventuras apostólicas na vida e na morte.

E ainda estava eu então longe de crer fosse o Cristo realmente Deus, revelado ao mundo humano, e fosse a Igreja o organismo no qual permanecia Ele para continuar o trabalho de salvação que terminara sobre a Cruz, coincidente com a nova geração. Mas o que eu aprendera antes até um certo ponto, e que via agora com mais clareza, era o fato de que os novos sistemas religiosos, construídos quer sobre bases ateístas ou sobre a humanidade com alguma espécie de deísmo, não eram em absoluto mais cientificamente estabelecidos do que as velhas religiões. Pelo contrário, e até mesmo em grau maior, eram edificados sobre hipóteses e arbítrio.

Muitas das acusações que, sem criticar, deixara eu que entrassem por um dos ouvidos, mas desgraçadamente não permitira que saíssem pelo outro, eram na realidade acusações ocas ou especulações sugeridas por circunstâncias ocasionais ou locais. Por exemplo, nem sei quantas vezes ouvira dizer que Deus era apenas resultante do desejo apaixonado do coração humano e que, em particular, a crença na existência do além-túmulo era ditada pela desabrida avidez por uma porção de vida maior do que aquela que a Natureza distribuía a cada um de nós. Compreendo agora que a primeira acusação era uma espécie de espada de dois gumes. Dificilmente se acreditaria que a maior parte dos livres-

pensadores de meu conhecimento desejasse de verdade um Deus que os deixasse proporem enquanto Ele dispunha. Exatamente ao contrário, a maioria deles sofria de Teofobia ! Meu caso, sabia-o eu, era o caso comum. Sabia, outrossim, que o povo acredita no além-túmulo, porém raramente como sendo este uma forma agradável de existência — seus pensamentos giram em torno de Hades e do inferno. Aceita-o como um fato a que não pode fugir. Eu nunca pude imaginar uma forma de vida eterna que não fosse espantosa pela duração. Todas as coisas deste mundo, no fim de contas, tiram seu encanto de sabermos que não as gozaremos por muito tempo. O milagre das estações penetra-nos até a medula dos ossos, pois sabemos que cedo ou tarde chegará uma primavera que não veremos, um ano em que a primeira nevada cairá sobre um montículo sob o qual jazeremos. E mesmo aqueles a quem mais amamos — poderíamos amá-los tanto se não tivéssemos a certeza de que a morte os arrebatará de nós, caso a vida já o não haja feito ?

Era a velha história — eu rejeitaria as crenças e descrenças dos outros porque estavam cheias das próprias idiossincrasias deles ; porém agora compreendia que o meu próprio modo de ver apresentava a mesma fraqueza. Certo, podia continuar acreditando em “minha própria força e poder”, bem sabendo quão

pouco neles podia confiar. Outros, em tempos de antanho, haviam procurado romper pela vida com uma fé igualmente escassa, porém não apregoavam que fosse ela mais do que um instrumento para abrirem caminho através da breve existência aqui na terra. Em todo caso não foram sentimentais a este respeito nem encheram a boca de palavras quanto a fraternidade na ação ou amor à luta.

De minha parte, não podia fugir ao sentimento de que todo aquele que se isola dessa forma é um traidor, conquanto não pudesse precisar qual a traição e a quem eu traía. Cria na fraternidade entre os homens, se bem que não pudesse dizer que acreditava na perfectibilidade humana. Cria simplesmente na estupidez e na inteligência do homem, na sua coragem e na sua fraqueza, e na instável natureza individual. Entre aqueles com quem me encontrara, confiava mais em poucos do que na maioria. Sentia, não obstante, que se fosse verdade, como dissera em meu lar de criança u'a moça do Exército da Salvação, que Deus ama os pecadores — quanto maior o pecador, mais Deus o ama —, também, de um ponto de vista humano, deve Ele amar ainda mais aqueles homens perfeitos que estão sempre em perigo de pecar, em seus espíritos e em seus pensamentos, e de modo ainda pior do que o comum dos homens maus e das mulheres péssimas.

A idéia de que todos os dotes e poderes humanos que tornam um indivíduo apto a ser professor, condutor de homens, pioneiro no mundo, devem torná-lo nocivo aos seus sequazes, consciente ou inconscientemente, caso não se considere ele preso pela responsabilidade pessoal a alguém que paira muito acima de todos os homens e que, na verdade, mantém a humanidade em Sua mão — isto é que me explicava o cristianismo de um modo que, de qualquer forma, tinha consistência, probabilidade e racionalidade acima de qualquer outra tentativa para resolver o enigma da vida.

A fraternidade humana consiste em sermos todos co-herdeiros de uma falência, após a queda do homem. A perda em comum da capacidade em que poderíamos confiar para ultrapassarmos o ponto morto das nossas virtudes e dos nossos conhecimentos, concluía eu, torna impossível a qualquer homem dirigir os seus semelhantes, a não ser para um caminho errado. Só uma intervenção sobrenatural poderá salvar-nos de nós mesmos. A Igreja cristã ensina ser o próprio Cristo esta intervenção. Deus, por permitir que Ele nascesse de u'a mulher, uniu-se à nossa natureza, e por consentir em ser crucificado para nos remir do pecado preparou-nos o caminho para uma vida eterna. Não era o nosso destino a existência no Inferno ou no Hades, que os homens sempre consideraram com involuntário terror, mas a vida em

e com Deus, a eterna bem-aventurança, que somos incapazes de conceber. Mesmo vivendo nossa vida aqui na terra, podemos experimentar um contacto tão íntimo com o divino que compreendemos possa a vida ser feliz, mesmo eterna, desde que em Deus podemos incessantemente renovar a energia do nosso viver, naquela força de que dimana toda a vida no mundo.

Por fim cheguei ao ponto de verificar que não tinha nenhuma fé em Deus. Porém ainda menos acreditava na minha própria descrença. Os sinais que nos compelem, malgrado nossa vontade, a aceitarmos o cristianismo como aceitamos, por exemplo, em botânica, a demonstração do parentesco (e mesmo aqui os fatos, *cientificamente provados* são tantos quantos os em que os professores acreditam) estavam fora de discussão. Do contrário, como poderia Cristo haver dito: "Aquele que crê e é batizado será salvo, mas o que tem fé não será condenado?" Certamente que isto não impede a um homem de usar a própria razão, mas, em última análise, é a sua vontade que faz a escolha. A ele cabe decidir se se isolará no inferno do seu próprio egotismo, ou se completamente se entregará a Deus e se libertará das limitações do amor próprio para subir às possibilidades eternas.

Nada mais me restava a fazer do que me dirigir a um padre e pedir-lhe que me ensinasse tudo quanto realmente ensina a Igreja

católica. Que a Igreja católica fosse idêntica à Igreja fundada por Cristo eu nunca duvidara. Para mim, o problema da autoridade da Igreja era unicamente o problema da autoridade de Cristo. Jamais entendera eu a história da Reforma a não ser como a história de uma religião contra o cristianismo, conquanto fosse uma rebelião de cristãos crentes — não raro subjetivamente piedosos — que esperavam fosse o verdadeiro cristianismo algo de mais condicente com os seus ideais cristãos subjetivos do que a realidade existente, tal como a impressão de suas aparências pode ser em um mundo onde o bem e o mal se misturam nas ímpias mãos humanas.

As objeções contra o catolicismo, que eu ouvira no passado, pouco me impressionaram. Ainda assim, eu recebera uma vaga idéia de que algo de verdade deveria haver nessas críticas, em vista da largueza e insistência de tais histórias. Além disso, dois fatos em particular induzem os homens a nelas acreditarem. O primeiro, é a nossa pouca inclinação a abandonarmos nossas fantasias favoritas, das quais tememos que uma Igreja docente nos prove. Outro, é o escândalo causado pelos maus católicos, em todas as épocas. Este último é o reverso negro da luminosa doutrina da comunhão dos santos.

Penso que seria mais fácil à gente de agora entender o que significa a doutrina do mérito

dos santos, que implica um tesouro de riquezas das quais toda a Igreja pode beneficiar-se, porque, em nossa época, não apenas os católicos, porém os cristãos de todas as seitas e matizes sofrem devido à culpa de cada um de nós perante Deus ou para com o próximo. Nenhuma união é tão absoluta quanto a união entre as células vivas do Corpo Místico de Cristo.

A veneração prestada aos santos, desde o início preconizada pela Igreja, parece na verdade corresponder a uma necessidade incoercível da nossa natureza. Temos que prestar culto a heróis ! Ao invés de outros melhores, transformamos em heróis reis e bandidos, artistas e homens de esporte, estrelas de cinema e ditadores. Temos que colocar alguém sobre um pedestal, para nesse alguém admirarmos algo de nós mesmos. Nos santos realizou-se o objetivo de Deus, ao criar-nos, como dizem as palavras do Ofertório: "Que maravilhosamente formastes a natureza humana e mais prodigiosamente a reformastes". Somente nos santos podemos encontrar uma derivação para o nosso culto do herói, sem que ao mesmo tempo homenageemos a nossa própria natureza, que fora covardia ou degradação cultural.

O culto de Maria ? Sempre o considereirei como um fato muito natural. Se acreditamos que Deus nos salvou por tomar a nossa carne e o nosso sangue, então por certo devemos olhar

para Maria, em cujo seio o Seu corpo tomou forma, com sentimentos diferentes daqueles com que consideramos qualquer outro ser puramente humano, — sentimentos de profundo respeito, grande devoção e verdadeira simpatia pelas indescritíveis provações do seu viver terreno, e de alegria pela sua incompreensível altitude no Reino de Deus. Porque, se é verdade que o Filho de Maria é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, então é o Filho *seu* filho, e a Mãe é a mãe d'Ele, por toda a eternidade, conquanto seja Ele o criador e ela sua criatura. Que a palavra *adoração* (1) signifique o culto ao Criador, e a palavra *veneração* o culto Aquela por Ele formada com a beleza das flores deste mundo que Ele criou — nenhum católico o deixa de entender.

Restrição de consciência ou liberdade de consciência ? Mas as próprias pessoas que mais prezam a liberdade de consciência seriam as mesmas que, penso eu, lucrariam imensamente mais se as suas consciências fossem dirigidas por mão firme. Por exemplo, quando tomam liberdades com respeito ao bom nome e à reputação do próximo, coisa que nem em meus dias de mais negro paganismo a minha consciência jamais permitiu. Ignorava se isto era

---

(1) Em inglês a palavra "worship" significa adorar ou venerar. A dupla aceção da palavra adorar não existe em português. Daí a impossibilidade de traduzir literalmente as palavras da autora.

devido só à minha consciência ou à minha consciência tal como meus pais a desenvolveram. Costumavam eles dizer que uma pessoa conhece tão pouco a respeito de outrem, que a coisa única que com certeza se pode dizer, ouvindo-se contar algum caso de alguém, que provavelmente não seja verdade. Os que se permitem mexericos devem ser uns frívolos fracos de espírito, e quando espalham difamações o fazem para dar vasão à lama que não raro aflige aos imbecís. Eu, porém, jamais cuidei de verificar se agem contra o conhecimento exato ou contra a própria consciência. Em resumo, que é que o homem já não fez contra o homem? E que direito tenho eu de pressupor que os outros agiram contra as próprias consciências? Quando confio tão pouco na consciência alheia como capaz de manter-lhe o trato sempre correto, deverei ter a presunção de acreditar que a minha própria consciência dispense um guia externo?

Porque eu creio que Jesus Cristo é Ele próprio Deus, meu Criador, também creio que formou sua Igreja tal como o homem necessita. O que Deus me deu por intermédio de sua Igreja é difícil de exprimir com palavras. Seus próprios lábios nos disseram que Ele nos concedeu sua paz, mas a sua paz não é aquela que nos dá o mundo. É uma paz diferente. Pode ser, talvez, comparada à paz reinante nos profundos abismos do oceano largo. Bom ou mau tempo à sua superfície não a altera, nem o embate

de estranhos monstros que se entredevoram. A nossa experiência prática é de que o reino de Deus está dentro de nós, conquanto vivamos presos ao nosso eu inquieto, semi-ligados às realidades e às ilusões do mundo. Experimentamos, porém, que de um modo sobrenatural Deus está em nós e sem cessar sustenta contra os nossos ataques o seu reino dentro de nós.

**Pe. Dr. Expedito Schmidt,  
O. F. M.**

O franciscano Pe. Schmidt é notável na crítica literária e dramática. Seus livros mais famosos são: "Vom Lutheraner zum Franziskaner" (Do luterano ao franciscano); "Die Buehnenverhaeltnisse des deutschen Schuldramas im 16. Jahrhundert" (A situação do teatro e drama escolar alemão no séc. XVI); "Faust, Goethes Menschheitsdichtung" (Fausto, a poesia da humanidade de Goethe). Schmidt tornou-se benemérito pela edição das obras de O. Ludwig. Foi nomeado diretor do teatro da Baviera.

## AUTORIDADE E SUBJETIVISMO

Sinto-me deveras constrangido ao responder à pergunta : “Quando percebi, pela primeira vez, a insuficiência do meu protestantismo tradicional ?” Desde que me libertei do pietismo sentimental da infância, que minha mãe, senhora de profunda piedade e bastante cultura, fez nascer em mim, não me recordo de ter jamais conseguido satisfazer às minhas aspirações religiosas. Creio que a leitura de revistas e livros de caráter científico-popular e embuídos do espírito dos Moleschott e Buechner, na época de 1870 a 1880, não foi a mais oportuna para fortalecer minha fé ; nesta, porém, não encontrava armas para resistir eficientemente àquelas influências.

O ensino religioso do ginásio não me ofereceu aquilo a que aspirava. O que ouvíamos do grande conselho divino de salvação me parecia extremamente arbitrário e destituído de lógica. Hoje diria : tínhamos “as partes na mão, só faltava lamentavelmente o vínculo espiritual”. Não quero, com isso, acusar meus antigos professores; eles davam o que de melhor possuíam. Mas se um deles — com quem tive, mais tarde, relações muito amistosas no domínio científico

— assegurava : “Nossa religião é, para todos os efeitos, a mais verídica”, então isso significava apenas frisar um valor sumamente relativo, e eu ansiava por uma convicção lógica.

Nem eu nem meus colegas supomos poder encontrar na Igreja católica aquilo que não encontrávamos no protestantismo. Ela era, em nossa opinião preestabelecida, uma Igreja para os fracos de espírito, que necessitavam de exterioridades ; era, finalmente, uma forma antiquada de cristianismo. Como a maioria dos protestantes, nós éramos hegelianos inconscientes para os quais estava esmagado, duma vez para sempre, tudo aquilo que a mera dialética superara.

Tratava-se também, durante o preparo para o dia da confirmação (Konfirmation, substituição da primeira santa comunhão), muito secundariamente da Igreja católica, que era logo rejeitada com algumas palavras leves e muito altivas. Mas toda a ira luterana de nosso professor, homem aliás pessoalmente digno de toda a nossa estima, dirigia-se contra os colegas de Lutero na tarefa reformatória. Lutava contra os reformadores que ensinavam outra coisa que a doutrina de Lutero ; combatia especialmente Zwínglio e Calvino. Foi justamente este ponto que me chamou a atenção: quem desses três tinha razão ? Quem me diria onde encontrar a autoridade divina ? Naturalmente ninguém me respondia a essa pergunta e, ignorando em qual dos três homens poderia

confiar e acreditar, acabei por desconfiar e descreer de todos os três. Destarte resultou do ensino religioso da confirmação uma acentuada descrença.

Quando, conforme o costume, foi pronunciada em coro a profissão de fé, durante a confirmação, — silencieei. Não podia professar a fé, e não queria mentir. Se minha bondosa mãe não tivesse estado gravemente adoentada naquela época — ela faleceu 9 meses mais tarde — eu me teria negado a aceitar a confirmação. Não queria, porém, causar-lhe este desgosto.

Participei de tudo em atenção a minha mãe doente, mas longe de mim estava qualquer sentimento de fé. Não negligencieei as orações pouco a pouco, como sói acontecer algumas vezes nesses casos, mas acabei com as rezas em determinado dia propositadamente, convencido de que era absurdo devido à minha mentalidade. Claro que não falei com ninguém sobre o assunto. De resto, meu ambiente mal se teria apercebido disso, porque quase ninguém da família ou dos conhecidos, a não ser minha mãe, praticava uma vida de oração mais profunda. Meu interesse por questões religiosas, no entanto, ficou sempre muito vivo, se bem que num sentido quase só negativo, como é de fácil compreensão.

Quatro anos mais tarde veio a metamorfose numa época de aflição. Voltava-me o pensamento de Deus, mas não conseguia balbuciar

uma oração. Quis visitar uma igreja protestante. Já estava na entrada do templo. Mas adiei a decisão. Dei meia volta e entrei, quase instintivamente, numa igreja católica, simplesmente porque suas portas, qual convite amável, sempre estavam abertas. E aqui ouvi uma prática, completamente diferente das protestantes, sobre o evangelho da pesca milagrosa de São Pedro. Não foi nenhuma peça magistral de oratória, mas ela tinha algo completamente impessoal, inteiramente objetivo, de maneira que senti : aqui se manifesta um espírito diferente. Tornei a voltar, assisti também à santa missa, embora sem a compreender e sem proferir uma oração; era simples observador. Alguns dias depois fui à casa paroquial e falei da minha inclinação para a Igreja católica, recebendo uma resposta bastante negativa de modo que tudo quanto ouvira sobre as “pescas” apressadas dos católicos e seu proselitismo perdeu duma vez para sempre seu efeito.

“Não temos tanta pressa” — foi a resposta do sacerdote católico. Justamente essa atitude me impressionou. Aumentava, dia a dia, o desejo de conhecer bem a Igreja, que manifestamente era tão diferente das informações que nos haviam sido inoculadas. Queria conhecê-la, sacrificando mesmo, se necessário, minha convicção anterior.

Voltei e tornei a voltar à casa paroquial. Finalmente ganhei de presente um pequeno catecismo católico que estudei com toda a apli-

cação. Aí notei a confiança absoluta da Igreja católica em si mesma, considerando-se coluna e alicerce da verdade. Inicialmente parecia-me essa confiança absoluta da Igreja uma presunção, pois tinha sempre imaginado a Igreja católica apenas como uma das demais comunidades religiosas cristãs. Impressionava-me senti-la vivificada por um espírito diverso do protestantismo, onde nunca chegara a saber quem dos pretensos reformadores propriamente estava com a razão. Em todo caso achei-me obrigado a conhecer profundamente esta Igreja. Mas só mais tarde cheguei a reiniciar a oração quando da minha estada num hospital católico, onde se rezava em comum.

Deus foi bom para comigo ; levou-me, por caminhos humanamente nem sempre retílineos, para perto de um sacerdote católico que me conduziu ao seio da Igreja. Muito mais tarde ouvi de outros, que acompanharam a minha preparação, quão obstinadamente pedi esclarecimentos pormenorizados sobre a autoridade divina da Igreja. O resto seguiu-se com muita naturalidade.

A lógica da doutrina católica levou-me para a Igreja, como a lógica deficiente me expulsou do protestantismo. Contava, então, 19 anos. Jamais, nem sequer por um segundo, me arrependi de ter seguido esta lógica.

**Einar Berrum**  
(Noruega)

## DA MAÇONARIA AO CATOLICISMO

*“Vias tuas, Domine, demonstra mihi, et semitas tuas edoce me”* — Mostrai-me, Senhor, os Vossos caminhos e ensinai-me as Vossas veredas”. Minha peregrinação à Igreja é apenas o caminho de um homem simples e jamais teria, sem que mo solicitassem, escrito coisa alguma a respeito. Mas cumpro essa ordem de boa vontade, esperando poder demonstrar, desatarte, meu amor e minha gratidão para com a nossa santa Madre Igreja.

Sou católico apenas há 4 anos. Não me é fácil descrever a conversão, pois já esqueci muitas circunstâncias que me conduziram à Igreja.

Nasci em Oslo no ano de 1882 e tive a grande felicidade de ser educado num lar cristão. Principalmente meu pai era muito religioso e, apesar de sexagenário, empreendeu ainda uma peregrinação à Terra Santa, em 1910, para visitar os lugares santos da vida e paixão de Nosso Salvador. Visitou, também, durante essa viagem, a cidade eterna. Daí em diante externou-se sempre, com o maior respeito possível, sobre a vida católica e seus costumes.

Fui confirmado em 1899, em companhia de 200 rapazes, mas não percebi nenhuma influência religiosa. Após ligeira conversa com meu pastor recebi, à maneira dos protestantes, a última ceia. Pouco depois terminou minha época escolar. Para ulterior formação fui enviado, como meus irmãos, para a Inglaterra e matriculado na "St. Olave's School" de York. Recebera, nas escolas norueguesas, uma instrução completa sobre o protestantismo. Enquanto Lutero era apresentado quase como um santo, foram-nos inoculados todos os preconceitos imagináveis sobre o papado e a Igreja católica. São tão universalmente conhecidos esses preconceitos, que acho supérfluo relatá-los. Entrei no mundo com um desprezo enraizado do catolicismo.

Jamais esquecerei o primeiro domingo em York. Devíamos frequentar três vezes, todos os domingos, a antiga "St. Olave's Church", cujo padroeiro é nosso santo nacional. O culto religioso seguia o rito episcopal.

Inicialmente compreendia pouco da linguagem eclesiástica; parecia-me estar numa igreja católica se bem que jamais tivesse visto uma igreja desse credo. Aprendi a me ajoelhar, coisa que jamais tinha feito. Impressionaram-me profundissimamente o canto e a música festiva e numerosas cerimônias para mim desconhecidas. Em vez de me aborrecer, interessei-me pouco a pouco pelo culto e comecei a gostar dele e do templo. Esperava ansiosa-

mente os domingos, especialmente o culto da noite. Tudo isso me era novo e formou, certamente, a base para a minha evolução religiosa posterior.

Voltando à casa paterna em Oslo para cursar o ginásio e a escola militar, fui sempre frequentador do templo dos ingleses, dedicado a Sto. Edmundo. Transferindo-me para Hamburgo, onde exerci, pela primeira vez, meu cargo de cônsul, visitei regularmente e de bom grado a "Church of England". Até então nunca tomara a peito assuntos religiosos. Frequentava simplesmente a igreja inglesa por simpatizar com a beleza do culto religioso. Mas tudo isso se me deve ter tornado um pouco mais do que simples costume, pois sentia uma atração indefinível para o templo e a satisfação religiosa. Não ouvi nada sobre Lutero nas igrejas inglesas; nem eu estabelecia comparações entre a doutrina da igreja episcopal inglesa e a igreja nacional norueguesa.

Por entre as aflições do ano de 1905, quando a Noruega se libertou da Suécia e quase se desencadeava uma guerra, um forte movimento religioso atravessou o país e me envolveu também. No mesmo ano assumi a direção da fábrica que ainda hoje dirijo. Fui convocado e prestei serviço militar nos anos subsequentes, durante o verão, na qualidade de oficial de dragões. Aí aproveitava todas as ocasiões para assistir ao culto religioso militar. Como

mais tarde voltaram tempos mais tranquilos, diminuiu também meu interesse religioso, se bem que sempre conservasse um certo contacto com Deus.

O ano de 1908 se destacou por um fato digno de registo. Meu pai ocupava um lugar de relevo na maçonaria. Desejando ardentemente que também seus filhos se incorporassem à loja, eu e dois irmãos meus entrámos na grande loja nacional maçônica da Noruega. Este dia revestiu-se, para mim, de uma importância enorme. O que me fazia falta na igreja, encontrei-o na loja.

Meus leitores católicos estrangeiros talvez se horrorizem ao me ouvirem falar em maçonaria. Sem desvendar-lhes os segredos desejo apenas frisar que a loja possui, nos países escandinavos, um nível religioso muito elevado. Exige-se fé absoluta em Cristo, fidelidade à pátria e cumprimento da lei: "Amarás teu próximo como a ti mesmo". A loja ensina ainda que ela não substitui a igreja. Cada irmão é obrigado a frequentar regularmente o templo. Tornei-me, em breve, um maçom muito zeloso e, no correr dos anos, um dos altamente graduados. Três anos antes de me converter ao catolicismo alcancei o grau mais elevado na maçonaria.

Casei-me, em 1918, com uma dinamarquesa de Copenhague. Era muito religiosa e cultivava grandes interesses literários, não interrompidos

por ocasião da nossa transferência dessa metrópole para o lugarejo Fredrikstad. O sermão é, como todos sabem, a coisa principal para o protestantismo. Para simbolizar que a importância da prédica prevalece sobre a dos sacramentos, encontra-se em algumas igrejas o púlpito acima do altar. Minha mulher, acostumada a ouvir pregadores insignes em Copenhague, procurava achar algo de semelhante nas igrejas de Fredrikstad. Visitávamos não apenas as igrejas nacionais, mas todas e quaisquer igrejas de seitas : batistas, metodistas e adventistas. Finalmente desistimos e contentámo-nos com as audições radiofônicas.

Certo domingo, na quaresma de 1928, voltou minha mulher para casa e, entusiasmada, disse ter ouvido, finalmente, um bom pregador na pequena igreja católica de Santa Brígida. Embora desgostoso de minha mulher ter visitado sem minha preciência uma igreja católica, seguiram-se a esta primeira visita muitas outras. Falámos, naturalmente, muitas vezes do catolicismo. Devo confessar que lutei firmemente contra as tendências católicas de minha mulher, não apenas em discussões, mas procurei também revistas e livros católicos para convencê-la. Em vão. Enquanto ela se sentia atraída, mais e mais, à Madre Igreja, caía eu em grande solidão. Não se satisfazia com visitar a igreja católica ; procurava também aprofundar-se na fé e literatura católicas. Estudava, ao mesmo tempo, as obras

do célebre filósofo e teólogo protestante Soeren Kierkegaard. A doutrina protestante afirma que somente a fé salva. Kierkegaard, porém, exige também a necessidade absoluta das boas obras. Ele escreveu muito violentamente contra o clero protestante que — conforme sua opinião — não seguia a doutrina do Cristo.

famos festejar no dia 2 de dezembro — primeiro domingo do advento — a confirmação dum primo em Oslo. A muito custo minha mulher conseguiu fazer-me desistir desta solenidade para, em lugar disso, assistir à missa na igreja dos dominicanos. Duvidoso embora, acompanhei-a. Sentei-me num banco bem no fundo da igreja. Em vez de me sentir horroizado, como esperava, senti-me singularmente tocado. Repetiu-se a mesma impressão experimentada quando da minha primeira visita à “St. Olav’s Church”. demais, nunca tinha visto um verdadeiro frade. Vi e ouvi um dominicano, cuja prédica — apesar de ser ele francês — era brilhante e proferida num norueguês impecável. Naturalmente, não compreendia o culto divino. Presenciava tantas coisas estranhas!

O que despertou meu interesse imediato foi o prefácio dum livrinho que em todos os lugares da igreja estava afixado para instruir os protestantes sobre a missa.

Li, com grande atenção, o seguinte: “Lembra-te de que a Igreja católica converteu tua pátria. Sto. Olavo e muitos outros

sofreram o martírio pela Igreja. A fé de teus ancestrais era católica e os noruegueses não deixaram espontaneamente, e sim forçados, sua fé. A Igreja católica é, portanto, também tua Madre Igreja. Deves conhecê-la para, guiado pela graça e auxílio de Deus, pertences a ela. Tua verdadeira fé só pode ser a que Jesus Cristo anunciou e legou à Sua Igreja. a fim de que ela a ensine a ti e todos os homens” .

Estas palavras me fizeram refletir. Se o culto divino apelava à minha sensibilidade, essas palavras despertavam meu interesse pela história. Resolvi perscrutar, imediatamente, as relações entre a Igreja católica e a história de minha pátria. Desde aquele domingo acompanhei à igreja católica, regularmente, minha mulher, que já era membro do coro orfeônico. Creio ter sido um frequentador zeloso de igreja como qualquer outro católico. Isento de preconceito iniciei, ao mesmo tempo, os estudos da doutrina da Igreja e da história de nosso país.

Tive um apoio excelente, naquela época, em minha mulher, conhecedora profunda da doutrina da Igreja, mesmo sem ela ter tomado lições neste sentido. Desconfiado como estava, li, primeiro, a literatura norueguesa. Pois, o protestante aprende nas escola que, em geral, apenas os povos latinos “não esclarecidos” são católicos. Aprende ser o catolicismo uma religião para analfabetos, e que nós, os homens iluminados, lhes levamos vantagem !

Estas afirmações, porém, mudaram de aspecto após a leitura das obras do famoso convertido, pastor dr. teol. Krogh Tonning. Seu livro "Memórias de um convertido" é escrito com tal calor e uma lógica tão cristalina que o resto dos meus preconceitos ruiu como um castelo de cartas. Prestou-me auxílio não menos excelente o estudo: "Isento de preconceitos ao encontro da verdade religiosa", da autoria do convertido norueguês J. Stub, mais tarde sacerdote católico. Devo ainda mencionar as obras admiráveis do pastor protestante Nils Beskow, da Suécia, obras inteiramente católicas. Há poucos anos voltou, também ele, à Madre Igreja. Li, ao mesmo tempo, os livros de fama internacional "A Igreja de Cristo", do cardeal Gibbons, e "Edgar", de Hammerstein.

Levaria longe enumerar todos os livros que li em busca da verdade. Minha biblioteca o documenta. Nem meu coração nem meu intelecto já me separavam, por mais tempo, da Igreja. Comecei a amar, agora, de todo coração, a nossa igreja católica. Sentia-me maravilhosamente seguro à idéia de que esta igreja formava também um dos membros da grande e universal Igreja católica, fundada por nosso Redentor e administrada pelos verdadeiros sucessores de Seus apóstolos. Meu intelecto me dizia que eu já rompera com o protestantismo, suas inconseqüências, sua tendência para a formação de seitas e seu pendor para o subjetivismo, cujo fruto pior é a quase total des-

cristianização. Não me custaria abandonar a igreja nacional norueguesa. Mas convertendo-me ao catolicismo deveria deixar a maçonaria que amava indizivelmente.

Considerava-me, interiormente, católico ; participava de todas as cerimônias religiosas, mas faltava o principal : estava excluído dos santos sacramentos da Igreja. Minha mulher, já instruída na religião, entraria na Igreja no mês de maio. Leu a vida de São Francisco de Assis e resolveu, então, por amor e veneração a este santo, dar o passo definitivo no dia de sua festa, em 4 de outubro.

Nunca esquecerei a impressão da conversão de minha mulher ; mas, então, senti-me mais só do que nunca. Já iniciara minha instrução católica ; faltava-me, porém, a coragem de dar o último passo. Dizia, a miúdo, ao padre catequista : — “Tudo isso é certo e bom, e não podemos crer outra coisa senão o que ensina a Igreja, mas. . .”

Havia muitos anos que me conservava longe da última ceia. Sentia uma saudade imensa desse sacramento. Não queria, porém, comungar no rito protestante e a santa comunhão da Igreja católica era-me ainda vedada. Amainou, finalmente, minha oposição. Escrevi, após muitas horas de luta comigo, o requerimento de despedida à diretoria da grande loja maçônica da Noruega, na terça feira, dia 26 de novembro de 1929. Dirigi uma carta, no mesmo dia, ao meu pároco, pedindo admissão na Igreja.

É impossível descrever minha felicidade após a decisão. A recepção se realizou sem grandes solenidades. Assistiram somente minha mulher, meus padrinhos e algumas irmãs do hospital de São José. Na manhã seguinte, encaminhei-me ao convento dos dominicanos em Oslo para nele passar alguns dias e desfrutar a maravilhosa paz do claustro. Ali experimentei também, pela primeira vez, a bênção e a paz inefável do sacramento da penitência. No domingo seguinte recebi, em companhia de minha mulher, a primeira santa comunhão durante a missa solene na mesma capela conventual, onde, no ano passado, sentado no último banco, assistira como protestante, pela primeira vez, ao culto religioso católico.

Esta narração traz, no início, uma parte do intróito do primeiro domingo do advento, domingo que foi de uma importância decisiva na minha vida. Muitas vezes dirigi esta oração a Deus. O Todo-poderoso ouviu minhas súplicas. Graças a Deus !

**Coronel Chang P'ei Fu**  
(China)

## FINALIDADE GARANTIDA

Meu caminho à Igreja católica foi o seguinte. Nasci na província Ho pei, município An ts'e e tenho agora 42 anos. Chamo-me Chang P'ei Fu e recebi, no batismo, o nome de José. Prestei meu exame de oficial de artilharia na escola militar no 5.º ano da República Chinesa (1916). Avancei posteriormente até o posto de chefe de divisão. Mais tarde fiz parte do Estado Maior. Quando se iniciaram as operações militares na Mandchúria fui destacado para a província Hei-lung-kiang, onde organizei e dirigi a resistência nacional.

Após os nossos insucessos militares viajei por diversos países. Voltando à pátria fui nomeado conselheiro junto a uma comissão militar em Peiping. Fiz preleções, ao mesmo tempo, na universidade "Tung-Pei" (noroeste), sobre questões militares. Algum tempo depois recebi o santíssimo sacramento do batismo e assim tornei-me cristão católico.

Já durante os meus estudos, quando se manifestaram, no 4.º ano da República (1915) desentendimentos chino-franceses em Tient-sin, tive uma impressão boa da religião católica. Foi o sacerdote católico Lei-ming-yuan

(o missionário belga Pe. Lebbe) o primeiro que, durante as dificuldades daquela época, defendeu francamente os direitos humanitários e a justiça. O motivo mais profundo de sua luta corajosa pela justiça e de seu sacrifício pela verdade foi seu amor ao próximo, amor nascido do amor a Deus. Ele amava todos os homens e, por isso, também o povo chinês. A religião católica luta, como podia verificar à vista dos fatos, pela verdade e justiça, e proclama a caridade ativa para com os semelhantes.

Examinando bem os motivos das guerras civis na China e as complicações na Mandchúria, chega-se a reconhecer que elas se motivam na falta de forças enérgicas e coesas e na ausência de uma orientação segura e espiritual entre os homens. Se a humanidade quiser conseguir maior paz, força de caráter e pureza de costumes, só as conseguirá mediante a religião. De todas as religiões apenas a católica possui base e finalidade realmente seguras. Só ela permanece firme e inconcussa através de todas as éras. Só ela possui uma tradição ininterrupta e responde a todas as exigências da natureza humana.

Ademais, a fé católica corresponde aos ditames da razão e é isenta de todas as doutrinas errôneas. Investigando a causa mais profunda do mundo chega-se forçosamente a inferir a existência de um Criador pessoal. Se não houvera um Espírito onipotente, onisciente e

puro, qual seria então a causa da realização de um mundo tão imenso com suas coisas multi-formes ?

Apesar de as ciências naturais modernas fazerem, dia a dia, maiores progressos, elas só conseguiram produzir uns tantos objetos úteis, mas são incapazes de criar seres vivos. Não sendo Deus o Criador, quem o será então ? Lemos no livro Ta Ya (“grandes canções festivas” — antigo livro clássico chinês): “O céu divino carrega o mundo sem que o possamos ouvir ou ver”. E Ch’eng-tse diz : “Denominamo-lo “céu” para caracterizar Sua essência ; denominamo-lo “imperador” (Senhor do mundo) para exprimir Seu poder senhorial”.

Dentre os antigos doutos e sábios não houve quem não venerasse a Deus. Por que não o faria também eu ?

**Rudolph A. Mndaweni**  
(Africa)

Rudolph Archibald Mndaweni, da África, era antigamente segundo redator de um dos jornais em língua vernácula. Publicou um livro excelente em zulú sobre as características da verdadeira Igreja e a necessidade de nela ingressar. Como professor e catequista desenvolve intensa atividade e ganhou, em poucos anos, nada menos de 160 protestantes para a verdadeira fé.

## **NÃO IGREJAS, MAS A IGREJA...**

Embora não escreva uma autobiografia, há certos fatores em minha vida que não posso silenciar no relato de minha conversão.

Nascido no protestantismo (Wesleyan Church), correspondiam meus conhecimentos de Deus e seus mandamentos aos de um protestante. Antes de frequentar, com 17 anos, o ginásio, ignorava até a existência de outras sociedades religiosas. Desejava, então, tornar-me pregador e não pouco rezei nesta intenção.

Já pedira matrícula num ginásio protestante quando mudei de idéia e passei a frequentar um ginásio católico juntamente com um amigo meu que não se pudera matricular no protestante. Neste colégio, o Mariannahill Training College de Natal, pela primeira vez entrei em contacto com o catolicismo.

Rejeitei, de antemão, a fé e os costumes católicos. Como todos os homens eivados de preconceitos, acusava os católicos de certas coisas completamente destituídas de base. Sim, devo confessar que, durante os primeiros anos de ginásio, minha atitude era propriamente anti-católica. Sem dúvida era isso, como obser-

vei mais tarde, consequência de minha ignorância.

Pouco a pouco me familiarizei com os costumes relativos ao culto divino católico. Alarguei também, com o tempo, meus conhecimentos sobre a reforma e suas consequências lamentáveis. Não pouco me inquietava a pergunta : — “Por que tantas seitas se separaram da Igreja católica ?” Procurei de diversos modos, obter a elucidação deste problema. Por outro lado, consolava-me o pensamento de que as outras igrejas, embora separadas da primeira, podiam igualmente ser igrejas de Cristo. Mas em vez de me deixarem com este consolo, os demais estudantes, não raro, me diziam palavras desanimadoras acerca do protestantismo.

A lembrança das numerosas Igrejas espalhadas pelo mundo que, todas, pretendiam ser a verdadeira Igreja de Cristo, fui dominado de uma tremenda confusão espiritual. Em consequência da minha convicção da prioridade da Igreja católica começou a diminuir minha fé na Igreja protestante como instituição sobrenatural de salvação. Não me persuadia da necessidade de tamanha multiplicidade de Igrejas, — e isso me levou a estudar mais a fundo a doutrina católica, tanto que, em breve, era mais católico que protestante.

Convenci-me inteiramente de que Jesus Cristo não queria ser venerado de modos tão

diversos. Dizendo a São Pedro: — “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” — não falou de “Igrejas”, e sim de uma Igreja.

Comuniquei minha intenção de me tornar católico aos diretores do colégio, embora nutrisse dúvidas sobre se poderia prosseguir no caminho encetado, porquanto muita coisa ainda me parecia obscura. Fosse como fosse não podia continuar protestante. Após profundo estudo da fé católica cheguei mesmo a sentir aversão aos hábitos protestantes. Isso era tanto mais notável quanto, anteriormente, em discussões com estudantes católicos, quase passara a empregar violência quando meus argumentos resultavam falhos; talvez porque preferisse ser vencedor a vencido. Decorridos três anos, abandonei o ginásio, resolvido firmemente a me tornar católico.

Entrei em contacto com diversos protestantes persuadidos e talvez demasiadamente zelosos que me acossaram de todas as maneiras; mas passei pela prova e permaneci no meu propósito. Felizmente, meus pais deixaram-me toda a liberdade. Diversos condiscípulos seguiram meu exemplo. Eu era o primeiro da grande missão protestante que se tornou católico. Sendo ainda catecúmeno, não me era nada fácil professar a fé católica em meio a adversários fortes e argutos; não obstante, fiz tudo para continuar fiel à minha nova religião. Durante

todo este tempo rezei fervorosamente ao Senhor para que me mostrasse o caminho em que lhe deveria servir e, caso fosse a Igreja católica a verdadeira, que me desse coragem de suportar heroicamente os aborrecimentos que talvez seguissem à minha conversão, como de fato seguiram. Todo o mal que se dizia contra a minha nova religião, tornava-se-me um estímulo para defendê-la com ardor e bons resultados.

Um ano depois de terminado o estudo consegui emprego como auxiliar de escritório num lugar distante três milhas da missão católica, emprego oportuno que me aproximava cada vez mais da possibilidade imediata de minha conversão. Não coube em mim de satisfação quando, antes de passar um ano, me veio a oferta de lecionar naquela missão, dos Padres Beneditinos. Novamente se confirmaram minhas convicções anteriores. Aprofundei-me no estudo e tomei aulas de religião.

Para sempre me serão inesquecíveis os belos dias em que recebi os santos sacramentos da Igreja e Deus me desembaraçou do véu de minha ignorância. Confessei-me, pela primeira vez, a 16 de abril de 1927. Recebi a primeira comunhão a 24 de abril e o crisma a 5 de junho do mesmo ano. Impossível me é descrever a alegria experimentada naqueles dias singulares.

Desde então sinto ter recebido, realmente, uma vida nova e superior. Entraram em minha

alma tranquilidade e contentamento. Recentemente convertido, era tamanho meu entusiasmo que nada de mais belo podia imaginar do que trabalhar, como católico, por Deus. O conhecimento da infalibilidade, legitimidade e santidade da Igreja confere à minha vida uma sagração superior, um sentido profundo para todo o resto da vida.

Sou, agora, professor e catequista, cargo esse que já desempenho há bom número de anos. Aqui cheguei como pequeno pioneiro de Cristo e meus trabalhos foram bem sucedidos. Cá, a princípio, não havia um só católico; entretanto, uma comunidade florescente já se formou justificando as melhores esperanças.

**J. Stephan Narayan**  
(Ceilão)

Narayan aceitou, primeiramente, o cristianismo e se tornou ministro anglicano. Reconhecido o erro do anglicanismo, entrou na Igreja católica. O autor é professor no St. Joseph's College em Tricomalee, Ceilão, e secretário da "Catholic Press Committee".

## UM MEMBRO SEPARADO NÃO TEM VIDA

Meu ingresso na Igreja católica não foi consequência de uma única resolução, e sim duma gradativa evolução espiritual que levou muitos anos. Farei bem lembrando os dias da minha juventude.

Educado, até à idade de 14 anos, na fé dos indús, preservou-me minha nobre mãe, que eu amava ternamente, de todos os males, quer por meio de sua disciplina severa e sábia, quer por seu amor indulgente e ardoroso. Desde pequeno, devia rezar diariamente : — “Ó Deus, dai-me a verdadeira inteligência e compreensão!” Minha vida, brevemente narrada aqui, é uma resposta a esta oração.

Desde os meus 14 anos, começou o cristianismo a impressionar-me profundamente. Em consequência das aulas bíblicas que éramos obrigados a frequentar numa escola protestante, e da amizade com um dos professores, senti um amor sempre maior e uma profunda veneração por Cristo, tanto que, com 18 anos, isto é em 1916, acabei aceitando o batismo. Equivalia isso ao rompimento definitivo com a minha terra e minha mãe, devido às prescrições severíssimas de castas, vigentes entre

os indús ortodoxos. Inspirado nos conhecimentos de então, segui a tendência extremista protestante da igreja da Inglaterra. A bíblia era a única e exclusiva guia e autoridade em todas as questões de moral e religião. Considerávamos toda palavra bíblica inspirada pelo Espírito Santo. Ensinaram-me, porém, interpretá-la conforme achasse melhor.

Percebi, em muito breve tempo, a ausência do sentido de sacrifício, da mortificação e da profunda piedade, quer na religião protestante em geral, quer na religiosidade dos protestantes. É o que não dispensa um indú crente. Surgiu-me então a pergunta : — “Existem outras e melhores formas de cristianismo ?” Descobri, no decorrer dos anos, durante viagens por algumas regiões da Índia, uma espécie diferente de cristianismo nos meus encontros com missionários, simpatizantes da igreja episcopal inglesa. Em virtude desses contactos, mudavam-se constantemente minhas opiniões sobre a igreja e os sacramentos. Faleceu, nessa época, minha mãe que passara comigo para o credo protestante. Sua morte levou-me a indagar o estado das almas no além. Gostei particularmente da doutrina católica sobre o purgatório e as orações pelos falecidos.

Entreí, no ano de 1920, no colégio teológico de Bangalore com a intenção de me doutorar em teologia e me preparar para o estado clerical na igreja anglicana. Vivia-se aí um

protestantismo de cem por cento. Afirmando os anglicanos que o cristianismo dos primeiros séculos foi o mais puro, ansiava eu por conhecer e estudar a literatura dos primeiros cristãos. Grande foi minha admiração não encontrando esses escritos na biblioteca do colégio. Tive a sorte de conhecer, em Bangalore, o dr. H. C. E. Zacarias que, apesar de anglicano, pertencia aos "Anglo-Catholics", isto é àquele movimento eclesiástico que aceita as doutrinas católicas e seus hábitos. Sua amizade e regular correspondência, como os numerosos livros episcopais e católicos que me emprestou, influenciaram-me grandemente.

Terminado o ano, deixei Bangalore e fui a Calcutá para continuar os estudos na faculdade teológica de "Bishop's College", da província anglicana da Índia. Tive contacto, em Calcutá, com os missionários da Oxford Mission Brotherhood, pertencentes a uma ordem anglicana. Trabalham principalmente entre os estudantes universitários e são, quer na crença quer nos costumes religiosos, "Anglo-Catholics". Sob a sua influência comecei a confessar-me. Apesar de não possuir a confissão o valor de sacramento em virtude da ausência do verdadeiro sacerdócio, não posso negar o grande benefício subjetivo que, em consequência, experimentei na minha vida espiritual.

Demais, tive a felicidade de estudar nesta faculdade, durante os meus cursos teológicos,

as obras dos Padres da Igreja do cristianismo primitivo. Habituei-me, por esta leitura e a convivência com os membros da missão de Oxford, a muitos costumes e doutrinas católicos e procurei estabelecer contacto com os “Anglo-Catholics”. Consideram eles as igrejas anglicana, grega e romana como partes da Igreja una e católica e esperam ansiosamente o fim do cisma infeliz, para que todos formem, novamente, uma só e grande comunidade. Ouvi também das discussões religiosas em Malines, entre católicos e anglicanos. Eu desejava, no fundo do meu coração, a união rápida das igrejas.

Ordenei-me diácono, em fins de 1924, e passei a colaborar em Poona com um grupo de monges anglicanos. O dr. Zacarias vinha me encontrar todas as tardes de sábado para discutirmos questões católicas. Apresentou-me ele ao jesuíta Pe. Leander cuja atitude amável e cheia de compreensão me inspirou grande simpatia pela Igreja católica.

Três acontecimentos do ano de 1926 fizeram abalar minha fé no anglicanismo. O dr. Zacarias ingressou na Igreja católica após ter vencido muitas dúvidas intelectuais, discutidas entre nós. Pouco depois tive uma palestra com minha mulher procurando explicar-lhe o anglo-catolicismo. Perguntou-me ela: — “Como é possível serem três igrejas — Roma, Constantinopla e Canterbury — ramos vivos da única Igreja católica sem haver união e

comunhão entre elas ?” Fiquei sem poder responder. Finalmente, abalou-me a afirmação do Pe. Leander de que as ordenações anglicanas eram inválidas devido à ausência da reta intenção. Já recebera eu a ordenação e estudara sua validade sob o ponto de vista anglicano. A observação do jesuíta me apresentou a questão sob um prisma diferente. Embora lesse alguns livros sobre o assunto, não consegui libertar-me da inquietação que me invadiu. Nem sosseguei de todo quando meu confessor anglicano me afirmou serem tais dúvidas geralmente provocadas pelo demônio.

Em 1927 fui transferido, na qualidade de coadjutor e diretor escolar, para Batticaloa. Folguei com a nomeação e esperei esquecer minhas dúvidas nesse novo ambiente. Deus não quis assim. A igreja de Batticaloa defendia os princípios da “Low Church” e destoava, em numerosos pontos, dos “Anglo-Catholics” episcopais e ritualistas de Poona. Tive frequentes discussões teológicas com meu colega cujas opiniões divergiam das minhas. Sabendo da minha fé na transsubstanciação proibiu-me ensiná-la aos meus alunos. Acrescentou dizendo que, em particular, eu cresse ou descesse à vontade.

Certos acontecimentos ocorridos então na Inglaterra contribuíram para aumentar minhas dúvidas. O fato de o bispo Barnes defender publicamente a limitação da prole e denominar o santo sacramento de simples magia ;

a impotência dos outros bispos em face de tais afirmações ; a participação dos não-cristãos e ateus nas discussões sobre a liturgia da igreja anglicana e a determinação da House of Commons no sentido de se conservar o santíssimo sacramento no armário da sacristia e não no tabernáculo para ser adorado condignamente — tudo isso fez vacilar mais e mais minha fé na igreja anglicana.

Acresce que ressurgiram todas as dificuldades teológicas e recordações de Poona quando travei relações com o jesuíta Pe. Bourty, diretor do colégio católico de Batticaloa. Entrementes, falharam as discussões religiosas de Malines, entre católicos e anglicanos, e assim tive que enterrar minhas esperanças de ver a nossa igreja unida com Roma. Encheu-me de admiração a bula papal relativa ao assunto. Nela entrevi a segurança e firmeza da Igreja primitiva e a resolução de lutar pela pureza da doutrina. Não obstante me forcei a acreditar na validade das ordenações e dos sacramentos da igreja inglesa.

Sobreveio a grande transformação de minha vida quando li, certa manhã, um sermão de santo Agostinho e dei com uma passagem notável. Embora tivesse lido já diversas vezes o mesmo capítulo, nunca ele me impressionara como naquela manhã. O texto parecia irradiar uma luz nova. Ei-lo :

— “O que a alma significa para o corpo, significa-o o Espírito Santo para o corpo de

Cristo, a Igreja. O que a alma efetua num único corpo, efetua o Espírito Santo na Igreja toda. Reparai, porém, em tudo o que deveis evitar, fazer e temer. Acontece algumas vezes que um membro — u'a mão, um dedo, um pé — é separado do corpo humano. A alma acompanha o membro separado ? Ele vivia em união com o corpo ; mas, separado dele, perde a vida. Dá-se o mesmo com o cristão. Ele possui a vida enquanto é membro da Igreja ; ele é católico. Mas separado, tornar-se herege. A vitalidade não acompanha o membro separado..." (Sermão 247).

Santo Agostinho, pronunciando essas palavras, visava os donatistas, separados da Igreja, mas possuindo ordenações válidas e sacramentos. Não só santo Agostinho, mas toda a Igreja católica daquela época considerava os donatistas fora da comunidade e comunhão. Compreendi não ser suficiente a hipótese da validade das ordenações e dos sacramentos para a igreja anglicana constituir parte integrante da Igreja católica. Para ser católico é preciso pertencer à Igreja católica.

Há muito tempo estava eu persuadido de que a Igreja de Roma tinha mais direito do que a anglicana a chamar-se de verdadeira Igreja de Cristo. Até agora não considerava necessária u'a mudança de credo, porquanto tinha a igreja anglicana de posse de ordenações e sacramentos válidos. Considerava-a um membro da Igreja católica. As palavras de

santo Agostinho desfizeram esta minha opinião. Desde aquele dia deixei de ser anglicano. Mas, ainda não me decidia à sujeição a Roma. Apesar de convencido de que Roma possuía todos os dogmas e o espírito da Igreja primitiva, achava que ela acrescentara novos dogmas ao antigo depósito da fé. Esta idéia errônea foi, finalmente, retificada pela leitura da grande obra do cardeal Newman : "A evolução da dogmática cristã". O cardeal prova, em seu livro, ser a Igreja um organismo vivo cujo princípio vital e guia é o Espírito Santo. Percorri mentalmente, partindo dessa avaliação, a história da Igreja e convenci-me ser a Igreja católica hodierna a continuação lógica da Igreja primitiva em sua fé, seu culto e sua administração.

Esta persuasão fez-me renunciar ao meu cargo em Batticaloa. Separado da igreja anglicana, transferi-me para Trincamalee onde, após um retiro espiritual e a devida instrução preparatória, minha mulher e eu ingressámos na Igreja católica, nas vésperas do domingo de Ramos de 1928.

**Bispo Duane G. Hunt**  
(U. S. A.)

S. Excia. Duane Garrison Hunt é bispo de Salt Lake City, Utah. Formou-se em Cornell, na universidade de Chicago e na de Iowa. Frequentou o Seminário de S. Patrício, Menlo Park, Califórnia. Foi professor, mais tarde reitor da catedral de Madeleine, Salt Lake City, vigário geral e administrador da mesma diocese e, finalmente sagrado bispo, em 28 de outubro de 1937. Hunt é o duodécimo convertido elevado à dignidade episcopal nos Estados Unidos.

## **NÃO É PARA COVARDES MENTAIS**

O convertido à religião católica é a miude julgado injustamente. Põe-se em dúvida a suficiência do seu conhecimento quanto ao catolicismo, temendo os seus amigos que venha ele a sofrer mais tarde uma desilusão na vida. Cuida-se, por vezes, ter sido atraído por um apelo puramente superficial. Crê-se, também, que abraçando a religião católica fez de sua independência intelectual uma rendição humilhante. Que tal coisa não seja verdade, creio que o poderei provar com o meu próprio caso, que é típico e bem comum.

Nasci e cresci num lar não católico, mas bom, sendo meus pais cristãos praticantes e devotos. Desde pequenino levavam-me ao templo, à Escola Dominical e a vários serviços religiosos. Bem cedo entrei em contacto com a Bíblia e cresci dedicando-lhe profundo respeito. Na época própria fui mandado para um colégio cristão, onde a princípio continuei com os hábitos piedosos dos primeiros tempos.

Chegou um período, entretanto, em que, por motivos que seria difícil declarar, comecei a tornar-me crítico a respeito de religião. Lembro-me de que me assentava ao fundo, nas ho-

ras de oração, em atitude quase indiferente, fazendo comentários pouco lisonjeiros sobre as orações extemporâneas e as promessas dos meus colegas. O emocionalismo das cerimônias da confirmação irritava-me, bem como o trabalho pessoal dos estudantes cristãos que pretendiam conquistar os seus colegas agnósticos. No sistema de coisas existentes eu me encontrava cada vez menos à vontade e mais deslocado.

De há muito formulava eu questões bem definidas a respeito de religião. Em que deveria eu crer? O que deveria eu fazer? Como deveria eu adorar? Em que fonte poderia eu haurir a verdade? Tais perguntas tornaram-se irritantes: absorviam-me o pensamento e faziam-me infeliz. Por minhas próprias pesquisas podia aprender as verdades da ciência, da história e de outros assuntos naturais; parecia-me, porém, que em relação às verdades religiosas deveria voltar-me para Deus. E como poderia fazê-lo? Por fim tive que proceder a uma análise do meu problema. Partindo da minha crença na existência de Deus e de que Deus é o Autor da verdade, imaginei que somente por três processos poderia Deus instruir-me. Primeiro: poderia Deus, por algum meio misterioso, ensinar-me diretamente. Segundo: poderia inspirar certos homens escolhidos para que escrevessem um livro, através de cujas páginas Ele me falaria. Terceiro: poderia escolher um grupo de homens, ensinar-

lhes a verdade e autorizá-los a que ma ensinassem também.

Com respeito ao primeiro processo, não pude encontrar a mínima prova de que Deus me revelara a verdade diretamente. E pareceu-me pouco razoável esperar que Ele assim fizesse. Se Deus tivesse que me revelar diretamente as verdades religiosas, o mesmo deveria Ele fazer aos outros. E se tivesse Ele que revelar a verdade diretamente aos indivíduos mercê apenas das suas preces sinceras, então deveria Ele tê-lo feito a milhões de pessoas devotas das várias religiões em todo o mundo. Porém, se assim fosse, teria Deus revelado doutrinas contraditórias a diversas pessoas. Isto, sem dúvida, seria inteiramente absurdo.

A segunda possibilidade era a do livro. Instintivamente eu me voltei para a Bíblia, que me haviam ensinado a respeitar. Sempre a admitira como sendo a palavra de Deus. Porém, ao examinar o assunto com olhos de crítico, duvidei. Em primeiro lugar eu sabia existirem diversas interpretações dos textos bíblicos. Diferentes seitas cristãs retiravam do mesmo capítulo doutrinas antagônicas, não raro do mesmo versículo. Qual a interpretação e qual a doutrina verdadeiras ?

Para piorar as coisas, não tardou muito que eu levantasse a seguinte questão : como sabia eu que Deus inspirava os autores da Bíblia ? Tinham-me dito que os primeiros cris-

tãos decidiram ter sido ela inspirada. Mas, como o sabiam ? Dissera-lhes Deus isto ?

Haviam-me dito que, lesse eu apenas devotamente a Bíblia e tornar-se-ia evidente para mim a sua inspiração. Certas passagens da Bíblia eu muito admirava, porém não podiam certificar-me de que fossem inspiradas. Como o poderia saber ? Que processo de prova poderia aplicar ? Ao mesmo tempo, passagens outras havia na Bíblia que em absoluto não me agradavam. Deveria considerar aquelas como inspiradas e estas não ? Se o fizesse, estaria alterando a Bíblia a meu talante.

A terceira possibilidade era a de Deus haver suscitado um certo número de homens como agentes para me instruírem. Seriam, presumivelmente, os ministros de alguma igreja. Mas, de qual das igrejas ? E como identificá-los ? Na verdade, se Deus escolhera agentes, deveriam eles ser claramente marcados a fim de serem reconhecidos. Eu não conhecia homens assim. Ainda mais, se deviam ensinar como agentes de Deus, deveriam ser infalíveis. E onde iria eu encontrar tais homens ?

Quanto mais ponderava tais problemas, tanto mais confuso me tornava. Parecia desesperadora a procura da verdade divina ensinada com infalibilidade. Os problemas criaram dúvida; e as dúvidas destruíam a fé. Eu me afastava, lenta porém seguramente, da religião da minha mocidade.

Foi neste estado de espírito que me deram livros versando a religião católica. Lembro-me perfeitamente bem do escárneo e do desprezo com que iniciei a leitura. Tão convicto estava do erro do catolicismo que nutria a certeza absoluta de encontrar uma multidão de erros e contradições. Lendo os livros, porém, descobri que pelo menos a Igreja católica tinha resposta para todas as minhas perguntas. Conquanto a princípio não as levasse a sério, anotava-as e não as esquecia. Recordo-me de que certa vez disse de mim para comigo: “É pena que a Igreja católica seja tão terrivelmente má, pois os seus sacramentos são tão lógicos!”

Vejam só — eu escutara tanta coisa absurda contra a Igreja católica que ficara cheio de preconceitos. Ensinaram-me a acreditar que a Igreja católica fora santa e fiel durante alguns séculos, tornando-se mais tarde corrupta, com bispos e papas envolvidos em terríveis escândalos. E assim, quando comecei a meditar seriamente sobre a Religião católica, tive que ponderar tais acusações.

Fí-lo tão bem quanto pude. Com grande surpresa minha verifiquei que as acusações contra a Igreja podiam ser provadas. Citarei um caso, como exemplo típico de outros. Deu-me um amigo um panfleto cujo autor tentava demonstrar que São Pedro nunca estivera em Roma. Sustentava ele, com a maior seriedade, à luz dos seus argumentos, serem falsas as

afirmações básicas da Igreja católica. Li o panfleto, e li após alguma literatura católica sobre o mesmo assunto. Verifiquei poder a Igreja católica demonstrar a sua afirmação com uma multidão de depoimentos de historiadores não católicos. O resultado foi, já se vê, eu ficar respeitando mais a Igreja após o incidente do que antes. O mesmo aconteceu precisamente com respeito a cada assunto que examinei, quer fosse a crítica da confissão, ou das indulgências, ou dos Cavaleiros de Colombo, ou da educação católica, ou de qualquer coisa concernente à religião católica.

Em certo passo do meu vaivém comecei a duvidar da divindade de Cristo. E deliberadamente exagerei a dúvida, porque eu queria safar-me da Igreja católica. Isto lhes poderá parecer estranho, mas é a verdade. Afirmei a mim mesmo que a Igreja estava em erro e tombara em doutrinas falsas e caminhos errados. Sendo assim, evidentemente Deus não a protegera contra o erro. Mas era verdade histórica a promessa de Cristo, de que a sua Igreja não erraria. Se ela errara, Cristo não a protegera. Não cumprira ele o prometido. Ele não era Deus, era apenas um homem, e um homem fanático.

Em meu desejo de permanecer fora da Igreja católica, eu caí na ratoeira dos meus próprios preconceitos. Se aceitasse a acusação de ter a Igreja errado, eu estava condenado a rejeitar a divindade de Cristo. Fazendo isso,

punha-me fora do cristianismo e de qualquer Igreja cristã. E então, onde poderia buscar a Verdade? Contudo, se aceitasse a divindade de Cristo, voltava-me para a Igreja católica.

Cedo ou tarde, fui compelido a estudar seriamente o assunto da divindade de Cristo. Em resumo — como resultado do meu estudo tive que admitir estar demonstrada a divindade de Cristo e que eu, honestamente, não podia rejeitá-la. E vim então novamente cair de cabeça na Igreja católica. Cristo era Deus; fundou sua Igreja e garantiu que ela não pereceria; destes fatos não havia escapatória. Logo, defendera Ele sua Igreja contra o erro. Portanto, sua Igreja permanecia neste mundo ensinando infalível a verdade. Por mais que o tentasse não podia fechar a minha inteligência a esta conclusão.

Para escapar ao inevitável, li os piores livros que pude encontrar contra a Igreja católica, frequentei regularmente outras igrejas, ensinei na Escola Dominical, identifiquei-me com sociedades religiosas; tudo com a esperança de conservar-me, satisfeito e feliz, fora da Igreja católica.

Foi durante um curso de extensão na faculdade de direito que, por fim, resolvi que deveria ser, e que seria, honesto comigo mesmo e que, se a lógica me levava à força para a Igreja católica, para lá iria eu. Não podia ser um covarde mental. Assim, entrei na Igreja católica, porque não podia ficar de fora.

Coincidia perfeitamente a Igreja católica com a minha análise. Evidentemente Deus não revelara a verdade diretamente a mim. Sem dúvida alguma revelara Ele a verdade aos autores da Bíblia, porém, para que os leitores não incidissem em erro, Ele escolhera os ministros da sua Igreja para que interpretassem corretamente a Bíblia. Os ministros da Igreja estavam bem marcados como agentes de Deus, pois eram os sucessores dos Apóstolos, daqueles homens aos quais Cristo pessoalmente nomeara para ensinarem com inerrância. Eram, como o descobri, os bispos da Igreja católica.

## I N D I C E

	Págs.
Retorno a Cristo .....	3
Paul Claudel .....	11
Francis Jammes .....	25
Mac Farlane-Barrow .....	31
Baronesa Erikke Rosenoern-Lehn .....	39
Don Henrique Matorras .....	47
Brahmchari Rewachand Animananda ..	61
Knute Rockne .....	71
Ralph H. Metcalfe .....	75
Gilbert Keith Chesterton .....	81
Sigrid Undset .....	95
Pe. Dr. Expedito Schmidt, O. F. M. ....	119
Einar Berrum .....	127
Coronel Chang P'ei Fu .....	139
Rudolph A. Mndaweni .....	145
J. Stephan Narayan .....	153
Bispo Duane G. Hunt .....	163

**Leopold de Chérancé**

## **Santa Margarida de Cortona**

Livros existem muitos, hoje em dia. Nem sempre, porém, são eles para nós uma retrospectiva de nossa vida e de nossos problemas pessoais. E quando o são, não chegam às nossas mãos assim tão facilmente.

A vida de SANTA MARGARIDA DE CORTONA, que a Editora Mensageiro da Fé, oferece aos leitores católicos, em muito boa hora, constitui uma mensagem das mais encantadoras, pois ela fala perfeitamente do que seja o homem, este ser sujeito às muitas quedas pela estrada da vida, mas sempre capaz de uma regeneração completa e de um renascimento para a vida nova dos filhos de Deus.

Leia nesta biografia como é que de pecadora pública chegou Margarida à perfeição cristã, e às honras dos altares.

**Pedidos à Editora Mensageiro da Fé Ltda,  
Caixa Postal, 708                      Salvador- Bahia**

**Preço: Cr. \$ 15,00**

**Gabriel Riesco, O. S. A.**

## **SANTO AGOSTINHO**

### **Mestre de nosso tempo**

Nenhuma história existe tão tocante entre as biografias dos santos, como a de Santo Agostinho.

E precisamente por ter sido êle, no mundo, o retrato do homem moderno — homem que propositalmente vira as costas a Deus — entregue aos vícios e bebendo nas fontes turvas do pecado e da luxúria os prazeres da vida, é que constitui Santo Agostinho, com seu retôrno a Cristo e à Igreja de Cristo, um caminho e uma lição.

Fêz-se um santo, um doutor da Igreja, um modelo de penitência e um mestre dos homens transviados de todos os tempos, tocado pela graça de Deus a quem se submeteu.

Leia e ofereça a seus amigos êste presente de amigo: **SANTO AGOSTINHO, Mestre de nosso tempo.**

**Pedidos à Editora Mensageiro da Fé Ltda,  
Caixa Postal, 708                      Salvador- Bahia**

**Preço : Cr. \$ 25,00**



---

---

americanos desde o bispo Hunt até os atletas Metcalfe e Rockne. Diplomatas, militares, agnósticos, pastores protestantes, comunistas... todos dizem e narram sua metamorfose religiosa, seu retorno a Cristo.

Quem tiver lido este livro poderá saber o que é a graça divina e sua força salvadora.

V. talvez tenha seus problemas de fé. Por que não os comparar com os de todos estes convertidos? Por que não os estudar desapassionadamente nestas confissões sinceras dos mais afamados convertidos a Cristo e à sua Igreja?

---

---

---